

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Programa de Estudos Pós-Graduados em
Gerontologia

Entre Cronos e Kairós:
a auto-percepção da idade na velhice

MESTRADO EM GERONTOLOGIA

Hélia Fraga Gomes Bertamoni
São Paulo
2009

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Programa de Estudos Pós-Graduados em
Gerontologia**

***Entre Cronos e Kairós:
a auto-percepção da idade na velhice***

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Gerontologia, sob a orientação da Prof^a.Dr^a. Vera Lúcia Valsecchi de Almeida.

**Hélia Fraga Gomes Bertamoni
São Paulo
2009**

Banca Examinadora

Autorização

Eu, Hélia Fraga Gomes Bertamoni, autorizo a reprodução total ou parcial desta dissertação, para fins exclusivamente acadêmicos e desde que garantida a origem e autoria.

*Hélia Fraga Gomes Bertamoni
São Paulo, ___ de Março de 2009.*

Ao Eugenio, meu marido e amigo:
sem ele, esse trajeto não existiria.

À Vera, minha orientadora, que identificou o “*jeito Hélia de ser*”, soube orientá-lo com carinho e paciência e acabou se transformando em uma querida amiga.

AGRADECIMENTOS

Aos amigos que incentivaram a elaboração desse trabalho, em especial:

À professora Elisabeth Mercadante, que mesmo passando por momentos tristes, muitas vezes me “pegou no colo”, me tirando da aflição.

À professora, Marina V. da Silva, que mais tarde veio a ser colega de Mestrado, por ter insistido para que eu conhecesse o programa da PUC, proporcionando, assim, o meu encantamento para com o tema, e por ter me ensinado a trabalhar com o velho globalmente.

Aos entrevistados: pessoas conhecidas e desconhecidas que contribuíram para a construção de um novo ser humano: eu!

E principalmente, um agradecimento especial à minha única filha, Julia. Sem o seu olhar, o seu incentivo, o seu carinho e a sua alegria, eu não seria a pessoa que sou hoje. Sem ela, minha vida não teria a menor graça.

RESUMO

A temporalidade é vivida, pelos homens, quer em termos cronológicos, quer em termos existenciais. Esta dupla experiência da temporalidade desdobra-se, freqüentemente, no que podemos denominar de hiato entre a idade real e a idade concebida. No mais das vezes, a auto-percepção da idade leva à subtração de anos de vida, sendo raros os casos em que a idade auto-atribuída equivale à idade real ou é maior que esta. É este o tema desta dissertação; tema que levou não só à incursão em autores radicados em tradições científicas e filosóficas diversas, como ao campo da estética, através de poetas e de compositores. O objetivo central foi investigar as aproximações e os afastamentos entre a idade cronológica e a idade concebida entre sujeitos radicados na área da saúde. Ao lado disto, procuramos levantar, entre os sujeitos, as concepções de envelhecimento e de velhice. De um ponto de vista metodológico, a opção foi pela abordagem qualitativa. Por tratar-se de uma abordagem que permite explorar concepções e desejos normalmente estranhos às abordagens quantitativamente orientadas, esta opção contribuiu para que os significados atribuídos, pelos sujeitos, às temporalidades cronos (cronológica) e kairós (existencial) pudessem ser desvendadas.

Palavras-Chave: gerontologia; temporalidade; cronos; kairós auto-percepção.

ABSTRACT

Temporality is lived by men through both chronological and existential terms. Such paired experience of temporality frequently unfolds on what we can name as the hiatus between the real and the conceived age. In most cases, the self-perception of age leads to subtraction of years of life, being rare the cases which self-attributed age matches and even increases the real age. That is the topic of this dissertation which has gone not only into authors whose works are molded by diverse philosophies and scientific traditions but also into aesthetics through poets and composers. The main objective was to investigate the proximity and the distance between the chronological and conceived ages among individuals in Health Care. Alongside and according to the individuals, we have also come up with conceptions of aging and old age. From a methodological point of view the option was for the qualitative approach. For being an approach that allows exploration of conceptions and wishes, normally odd to the oriented quantitative approaches, our option provided attributed meanings given by the individuals so as *chronos* (chronological) and *kairos* (existential) temporalities could be unveiled.

Keywords: gerontology, temporality, *chronos*, self-perception *kairos*.

SUMÁRIO

Introdução	03
Capítulo I – A Temporalidade, o Tempo e o Homem	07
1. Aproximações	11
2. Entre <i>Cronos</i> e <i>Kairós</i>	16
3. Modernidade e Temporalidade	21
Capítulo II – A Velhice	27
1. Velhice e Temporalidade	29
2. Concebendo a Velhice	44
3. O que é a Velhice?	48
Capítulo III – A Pesquisa de Campo	50
1. Objetivos	51
2. Procedimento Metodológico	52
3. Os Sujeitos	55
4. Análise das Entrevistas	57
Considerações Finais	73
Referências Bibliográficas	77
Anexos	80
Anexo I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	81
Anexo II – Transcrição das Entrevistas	83

*Desejo uma fotografia
como esta — o senhor vê? —
como esta:
em que para sempre me ria
como um vestido de eterna
festa.*

*Como tenho a testa sombria,
derrame luz na minha testa.
Deixe esta ruga, que me
empresta
certo ar de sabedoria.*

*Não meta fundos de floresta
nem de arbitrária fantasia...
Não... Neste espaço que
ainda resta,
ponha uma cadeira vazia.*

“Encomenda”

Cecília Meireles

INTRODUÇÃO

A auto-percepção da idade não é um exercício realizado diariamente; porém, não é incomum o ato de parar e pensar em nosso tempo, em nossas atitudes do dia-a-dia; enfim, na “idade” que acreditamos viver a maioria dos nossos momentos.

Mas quando chega a velhice, a “idade da juventude” – como é cronologicamente pontuada – tende a ser evocada como sendo a melhor época da vida. Nela experimentamos “a melhor *performance*” do corpo físico; a revolução hormonal proporciona, ao corpo físico e à mente, um estado de “torpor esfuziante”, isto apesar de o sofrimento existir em todo o curso de vida.

Sofremos na infância e na adolescência; um sofrimento engasgado e sem muita referência. Um sofrimento meio perdido no contexto e que abriga, em determinadas situações socioeconômicas, a ausência de responsabilidades maiores.

Existem muitos jovens – em termos de idade cronológica – que se sentem “*velhos*”. Na literatura, um exemplo é Augusto dos Anjos (um dos heterônimos de Fernando Pessoa), mencionado à frente. Porém, a idade cronológica avançada é tão renegada e estigmatizada que a maioria das pessoas que se sente mais velha não assume o fato.

Foi na área da saúde que localizamos os sujeitos da investigação realizada; pessoas que estudaram e vivem em meio a seres humanos, cuidando de vidas. A pesquisa – feita com um número discreto de sujeitos – procurou identificar as aproximações e afastamentos entre a idade cronológica e a idade concebida.

Tendo como critério de inclusão a data de nascimento dos indivíduos¹, ou seja, sua “idade cronológica”, foram entrevistados cinco indivíduos: três médicos, um técnico em enfermagem e uma auxiliar de enfermagem. As entrevistas foram realizadas entre setembro e dezembro de 2008. Tiveram, basicamente, o objetivo de levantar a auto-percepção da idade.

Para além deste objetivo, os sujeitos foram convidados a discorrer sobre temas diretamente ligados ao problema de investigação, elencados nos objetivos específicos.

Esta dissertação foi estruturada em capítulos, ao longo dos quais procuramos promover a aproximação progressiva ao tema central, à pesquisa de campo, aos objetivos, à metodologia, ao procedimento de coleta de dados e à análise dos mesmos.

No **Capítulo I – “A Temporalidade, o Tempo e o Homem”** -, desenvolvemos algumas reflexões sobre a questão da “temporalidade”. Aqui, o desafio foi grande, dada nossa formação na área da saúde. Mesmo diante dos desafios, o diálogo com filósofos e com pensadores radicados em diferentes áreas do conhecimento contribui para que, pelo que entendemos, noções centrais fossem contempladas.

No **Capítulo II** o tema trabalhado é a velhice. Nele foram utilizados autores de reconhecida importância na área.

O **Capítulo III** foi destinado à Pesquisa de Campo. Neste capítulo, ao lado da apresentação dos objetivos da investigação, da opção metodológica e do procedimento adotado para a coleta de dados

¹ Pessoas com 60 anos ou mais de idade. Como é sabido, esta é, de acordo com recomendação da ONU, a idade que define, para os países em desenvolvimento, a exemplo do Brasil, a “entrada” na velhice.

(entrevistas abertas com roteiro norteador), apresentamos a análise do conteúdo das entrevistas.

Cabe esclarecer que nessa dissertação foram incluídos, como interlocutores, literatos, pintores e compositores que, em suas obras contemplaram tanto a questão do “tempo”, como da “velhice”. Uma das razões para a inclusão mencionada reside na importância da superação dos limites disciplinares e do diálogo com outras formas de conhecimento – a exemplo da arte. Como Morin:

Os grandes romancistas ensinaram o caminho da complexidade, mas ainda que não o tenham feito de forma conceitual, no plano do pensamento filosófico, sua contribuição é necessária a todo pensamento filosófico e científico. (1996; p. 282)

CAPÍTULO I

A TEMPORALIDADE, O TEMPO E O HOMEM

És um senhor tão bonito
Quanto a cara do meu filho
Tempo, tempo, tempo, tempo
Vou te fazer um pedido
Tempo, tempo, tempo, tempo

Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo, tempo, tempo, tempo
Entro num acordo contigo
Tempo, tempo, tempo, tempo

Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo, tempo, tempo, tempo
É um dos deuses mais lindos
Tempo, tempo, tempo, tempo

Que sejas ainda mais vivo
No som do meu estribilho
Tempo, tempo, tempo, tempo
Ouve bem o que eu te digo
Tempo, tempo, tempo, tempo

Peço-te o prazer legítimo

E o movimento preciso

Tempo, tempo, tempo, tempo

Quando o tempo for propício

Tempo, tempo, tempo, tempo

De modo que o meu espírito

Ganhe um brilho definido

Tempo, tempo, tempo, tempo

E eu espalhe benefícios

Tempo, tempo, tempo, tempo

O que usaremos pra isso

Fica guardado em sigilo

Tempo, tempo, tempo, tempo

Apenas contigo e migo

Tempo, tempo, tempo, tempo

E quando eu tiver saído

Para fora do teu círculo

Tempo, tempo, tempo, tempo

Não sereis nem terás sido

Tempo, tempo, tempo, tempo

*Ainda assim acredito
Ser possível reunirmo-nos
Tempo, tempo, tempo, tempo
Num outro nível de vínculo
Tempo, tempo, tempo, tempo*

*Portanto peço-te aquilo
E te ofereço elogios
Tempo, tempo, tempo, tempo
Nas rimas do meu estilo
Tempo, tempo, tempo, tempo*

“Oração ao Tempo”

Caetano Veloso

1. Aproximações

“O que é, então, o tempo? Enquanto não me perguntam, eu sei! Se me perguntam e quero explicar, não sei”.

Santo Agostinho

Discorrer sobre o Tempo e a Temporalidade significa dialogar com pensadores de diversas áreas de conhecimento, especialmente com alguns filósofos. Por outro lado, trabalhos realizados pelas ciências sociais, especialmente pela antropologia (como ciência da cultura), contribuíram para a exploração dos temas acima, ou seja, tempo e temporalidade.

Dentre outros aspectos, coube à antropologia a tarefa de mostrar que as noções de tempo e temporalidade comportam grandes variações; alterando-se muito em diferentes culturas e no movimento histórico de cada uma delas.

Certamente, nossas interpretações não podem ser rígidas sobre como cada cultura concebe e representa a temporalidade. Daí a importância de um diálogo baseado com autores que escreveram (e escrevem) sobre este que é um tema estreitamente ligado à existência humana.

O resultado da busca de definições sobre “tempo” e “temporalidade” mostrou-se amplo e variado. Não é fortuita, portanto, a afirmação abaixo, de Bastos:

A idéia de tempo envolve uma multiplicidade de conceitos: tempo físico, biológico, subjetivo, cultural etc. Por esta razão, temos inúmeras dificuldades na definição da temporalidade, que em última análise, são

causadas pela polissemia da palavra tempo.²

Em que pesem as dificuldades acima apontadas, “tempo” e “temporalidade” são temas presentes, de longa data, no imaginário social, no pensamento filosófico e na ciência. Pode-se afirmar que remontam, mesmo, às próprias origens do Homo Sapiens. Referindo-se às sepulturas neanderthalenses, Morin afirma:

[...] já se pode detectar no homem de neanderthal, um pensamento que não é totalmente investido no ato presente, o que significa que se pode detectar a presença da temporalidade no seio da consciência. (1975; p.102)

Escapa de nossas intenções qualquer discussão das noções de “tempo” e de “temporalidade” nos âmbitos da física e da biologia. Mas vale lembrar a distância que separa, na física, Newton – para quem o “tempo” e o “espaço” constituem absolutos - de Einstein que, com a *Teoria da Relatividade*, afastou a noção de um tempo absoluto.

No lugar do fluxo contínuo e imutável, Einstein introduziu o conceito de espaço-tempo, segundo o qual o espaço e o tempo são dois sistemas de relações inseparáveis, embora à percepção humana se apresentem de forma independente. Não há no universo um tempo absoluto, independente do que acontece com a consciência que o observa, assim como não há um ponto de referência que permita comparações absolutas. O que se chama de tempo é apenas a ordem de sucessão das coisas, umas depois das outras.³

² In: www.lizchristine.net/delicato_senses/edicao03/temporalidade.htm

³ In: Tempo. www.enccfil.goldeye.info/tempo.htm (capturado em 18/02/2009)

Sobre o tema encontramos, também, referências aos tempos “psicológico” e “*subjetivo*”. Enquanto o primeiro tem finalidades analíticas e interpretativas (como nos casos de dissociação temporal, objeto da psicopatologia), o segundo – de grande importância para este trabalho – remete à consciência da relação entre o ser e o tempo; é, portanto, um tempo envolto por disposições pessoais e, portanto, idiossincráticas.

Na filosofia, mais especificamente em correntes como a fenomenologia e o existencialismo, o “*tempo subjetivo*” é objeto das mais diversas especulações.

Para Merleau-Ponty,

[...] o passado não é passado, nem o futuro é futuro. Eles só existem quando a subjetividade vem romper a plenitude do ser em si, desenhar ali uma perspectiva, ali introduzir o não-ser [...]. Um passado em um porvir brotam quando eu me estendo em direção a eles. (Citando Claudel, Merleau-Ponty afirma que o tempo não é uma sucessão de ágoras, nem) uma linha, mas uma rede de potencialidades. (apud. Bastos; s/d; s/p.)⁴

Em Heidegger, de acordo com Bastos, o tempo é uma dimensão das inter-relações entre o mundo e o sujeito. Heidegger

vai além na busca de uma visão ontológica da temporalidade [...]; das inter-relações entre o mundo e o sujeito transparece um conceito de ser-no-mundo que permite abarcar essa multiplicidade de conceitos objetivos e subjetivos da temporalidade. Para a consciência humana, o tempo é o

⁴ In: www.lizchristine.net/delicato_senses/edicao03/temporalidade.htm

*horizonte necessário na sua apreensão do ser.*⁵

Ainda que a vida – em termos físicos e biológicos – forneça referenciais importantes, é a vivência psíquica de cada um que configura a idéia de temporalidade.

No entanto, a existência do homem não é – e não pode ser – individual; ela é, sempre e em toda parte, social e cultural. Assim, a consciência da temporalidade é permeada por valores e disposições que extrapolam o âmbito dos sujeitos, influenciando-os. Ainda que a consciência seja individual, ela é profundamente invadida por conceitos, normas e valores que, vindos de “*fora*” (da cultura), penetram nas consciências pessoais, conferindo-lhes significados específicos e relacionados ao “onde” e “quando” vivem, à época em que vivem etc.

Com isso, chegamos à questão do “tempo cultural”; cultural porque simbólico, ou seja, cercado de significados e valores próprios do “ser” de cada cultura e sociedade. Cabe lembrar, aqui, que cultura e sociedade, como construções humanas, não só se desenvolvem e se orientam por diferentes noções de “*tempo*” e “*espaço*”, como são históricas; transformam-se ao sabor de desafios diversos, de mudanças nos modos de ser, agir e interagir, de produzir, distribuir (circulação de bens) e consumir, enfim... de significar.

Quando observamos as sociedades tribais – sociedades que, aos olhos desatentos, parecem “*paradas no tempo*” - o que vemos, freqüentemente, são temporalidades estranhas à que rege a vida das modernas sociedades ocidentais e que nos é familiar. Isto porque elas são comandadas pela temporalidade cíclica e não linear; uma temporalidade não ritmada pelos ponteiros de relógios, mas pelas estações do ano, pelo movimento da terra em torno de seu eixo, pelas fases da Lua, por eventos naturais da existência

⁵ In: www.lizchristine.net/delicato_senses/edicao03/temporalidade.htm

(nascimento e morte), pelo ritmo e modalidade da atividade produtiva. Sob tais condições, o tempo pode ser “*medido*”, por exemplo, pela duração da extração de leite ou da confecção de barcos, arcos ou colar de escamas de caramujo.

Nessa temporalidade cíclica, igualmente presente em determinadas tradições religiosas, a exemplo do catolicismo e do protestantismo, a sucessão de eventos - marcados por rituais específicos – é recorrente, repetitiva; há um eterno retorno às origens⁶, aos mitos fundadores.

Fontes pesquisadas revelam que, na história do pensamento ocidental, há três concepções de tempo. A primeira remonta à tradição greco-romana; a segunda, ao cristianismo. A última, à Modernidade. Desta última trataremos no final deste capítulo.

Apesar de remeterem a épocas historicamente distintas, não há como negar o fato de que a temporalidade característica da Modernidade tem suas raízes no mundo greco-romano e na tradição cristã.

Do mundo greco-romano, duas figuras míticas contribuem para a compreensão dos chamados “*tempos modernos*”. São elas: *cronos* e *kairós*.

Exploro-as, a seguir, pelos significados que abrigam e pelas afinidades com o tema desta dissertação. Mas cumpre salientar, desde logo, os paradoxos presentes na concepção linear de temporalidade. Isto porque ela é

realidade fugidia que se desvanece ao mesmo tempo em que é: o passado não é mais, o futuro não é ainda; o presente não é senão o instante efêmero. Tomar consciência do tempo é apreender o não-ser que corrói o seu ser. O tempo, além do seu

⁶ Curioso observar o critério adotado, pelo calendário cristão, para “marcar” o Domingo de Páscoa. Segundo informações obtidas junto a um teólogo, a data sempre cai no Domingo da primeira lua cheia da Primavera europeia (outono no Brasil).

*via-a-ser inapreensível, é a marcha inelutável para a morte.*⁷

2. Entre Cronos e Kairós

Discorrer sobre Cronos e Kairós significa adentrar na mitologia greco-romana e em seu panteão de divindades. Neste panteão, Cronos é:

Divindade grega, Saturno dos romanos, filho de Urano (o Céu) e de Cibele ou Gea (a Terra), esposo de Rea e pai de Júpiter, Netuno, Plutão e Juno. Sendo senhor do Universo, e temendo que seus filhos viessem futuramente a destroná-lo, devorava-os ao nascer. Dessa voracidade apenas escapou Júpiter (Zeus), graças ao estratagema de Rea, que substituiu a criança por uma grande pedra envolta em cueiros. É claríssima a alegoria dessa fábula: Kronos, em grego, quer dizer Tempo; e não há dúvida que o tempo devora, isto é, consome tudo o que cria. Crescendo, Júpiter forçou o pai a vomitar a pedra e os seus irmãos, e o destronou. Cronos, reduzido a condições de simples mortal, e expulso de Creta, asilou-se nas montanhas do Lácio, na Itália, onde foi bem acolhido pelo povo e pelo rei Jano, que lhe deu generosa hospitalidade. Como sinal de reconhecimento, Saturno ensinou-lhes as leis, as artes e a linguagem, pelo que foi gratificado com prudência. Esta segunda alegoria está a dizer que o rei aproveitou as lições do tempo e a experiência, para governar seu povo, com leis sábias. Simbolizando o tempo, é Cronos geralmente representado sob a forma de um ancião, curvado ao peso dos anos, erguendo, na mão, uma foice, porque o tempo ceifa todos os seres. Apresenta-se alado, para indicar a sua marcha rápida. Alguns artistas colocam-lhe, na mão, uma ampulheta, porque os antigos se serviam deste instrumento, como

⁷ In: www.enfil.goldeye.info/tempo.htm (capturado em 17/02/2009)

*relógio, para a medida do tempo. Podemos vê-lo também apresentando uma serpente, disposta em círculo, emblema da eternidade, que não tem começo nem fim.*⁸

Da citação anterior resultam duas representações imagéticas de Cronos, sendo a primeira particularmente assustadora (*obra de Goya – 1746/1828 – Saturno devorando a um filho*), onde para os romanos, Cronos é Saturno, que devora seus filhos ao nascer; e na segunda, representado também pela posse da foice, pois o “*tempo ceifa todos os seres*”:



Kairós, diversamente, é um

Deus alegórico, personificação da ocasião, do momento favorável, foi o mais jovem dos filhos de Zeus, segundo o poeta Ion de Quios. É representado sob as feições de um moço, ora com asas nos ombros ou nos pés, ora caminhando sobre uma roda alada,

⁸ In: http://mithos.cys.com.br/i_origem.htm . Capturado em 18/02/2009

tendo a cabeça para trás, para que não possa ser agarrado por perseguidores. Tinha um altar em Olímpia.⁹

A representação imagética de *Kairós* é de um jovem nu, muito pequeno e com asas nos ombros e nos tornozelos. Segurando uma lança, corre como que em um movimento de fuga.



Sua cabeça é calva e contém uma única mecha, que representa a marca de sorte de uma oportunidade: se não formos capazes de segurá-la no instante em que ocorre, ela escorrega pela calvície de Kairós...¹⁰

Em grego, *Kairós* significa “o momento certo”. Em latim, a palavra correspondente a *Kairós* é *momentum, instante, ocasião ou movimento*.

⁹ http://mithos.cys.com.br/i_origem.htm. Capturado em 18/02/2009.

¹⁰ In: http://mithos.cys.com.br/i_origem.htm. Capturado em 18/02/2009.

De acordo com Martins, o homem vive uma dupla temporalidade: uma cronológica, outra existencial¹¹:

- A **primeira** remete à seqüência claramente demarcada de horas, dias, meses e anos; temporalidade que, no contexto da sociedade moderna, é inimiga do passado e da lembrança. Temporalidade rápida, passageira e ritmada pelos ponteiros de relógios – ou mostradores digitais – ajustados às demandas da produtividade. É esta temporalidade que divide a vida em fases, atribuindo, a cada uma, papéis e significados (e estigmas) diversos. Trata-se do tempo cronológico...; impiedoso pelo que exige dos homens em seus movimentos e relações de trocas sociais.
- A **segunda** desconhece fases e ponteiros. Não é regida por “datas”, mas pela vivência, pela experiência, pelos batimentos do coração. Não é segmentada. Por isto, podemos afirmar que ela é cíclica, não linear. Quando afirmamos que o homem é um ser temporal (os animais desconhecem qualquer temporalidade), nos referimos menos à temporalidade cronológica e mais à temporalidade existencial. Para Martins, o tempo humano é um tempo interno, sem atributos ou contingências externas. Ele é subjetividade. Em sua leitura fenomenológica afirma que “o *homem não está no tempo; é o tempo que está no homem*” (1998; pg.12).

Em Martins, lemos ainda:

¹¹ No âmbito deste trabalho, serão utilizadas as expressões “tempo vivido” e “tempo concebido”.

A água que vejo correndo num riacho nasceu provavelmente, há alguns dias atrás, nas montanhas ou numa fonte. Ela está agora diante de mim e caminha para outro riacho ou para o mar onde deságua. [...] (Mas) esta metáfora, porém, gera bastante confusão. Olhando-se para as coisas mesmas, para o nascer da água na fonte, ou para o derreter das neves nas montanhas e o que resulta disso, não são acontecimentos sucessivos, sucessão de eventos. Não há lugar para a idéia de eventos isolados no mundo objetivo. Porque a idéia de “eventos” ou acontecimentos são formas recortadas por um observador finito. Um observador objetivo precisará estar ali ao nascer da água na fonte, acompanhá-la em seus vários momentos segmentados. (Martins, 1998; pg. 13)

O autor afirma, ainda, que o tempo não é um processo real; origina-se das relações com as coisas em si. Assim,

o que é passado ou o que é futuro é, também, o presente no mundo. Nas coisas em si mesmas, porém, o futuro não existe ainda e o passado não está muito longe, enquanto que o presente, falando-se estritamente, é infinitesimal; neste caso, quando segmentado em momento cronológico, a idéia de tempo entra em colapso. [...] Tal passado e tal futuro existem, inconfundivelmente no mundo, mas eles existem também na totalidade do presente. “Isto porque tudo o que é, em si mesmo, precisa de uma ordem temporal, de estar num lugar, e de ser anteriormente e posteriormente. (Martins;1998; pg. 14)

A discussão sobre essas duas temporalidades – tempo vivido e tempo cronológico – encontrou, portanto, em Martins, um de seus pilares. Diz ele:

É minha intenção olhar o ser humano na sua existencialidade como sendo seu tempo vivido. Porque o tempo é o sentido da vida [...]; a data de aniversário ou do nascimento, por exemplo, são recortes da totalidade espaço-temporal do ser [...]. O aniversário é um momento de alegria para o sujeito, mas não deve ser um recorte na totalidade do tempo, o ser não deve ficar mais velho por isso. (1998; p.11)

3. Modernidade e Temporalidade

Apesar de a Modernidade (Sociedade Moderna) ter ganhado contornos mais nítidos ao longo do século XIX, suas origens remontam a eventos anteriores. Na literatura, é recorrente a alusão a três fatos históricos que teriam contribuído, decisivamente, para sua construção e consolidação¹². São eles: a Reforma Protestante (século XVI), o Iluminismo (séculos XVII a XIX) e a Revolução Francesa (século XVII; 1789).

Estes fatos forneceram as bases do que viria – no século XIX – a dar a forma final à Modernidade: a Revolução Industrial; revolução que teve a Inglaterra e a Alemanha como berços iniciais.

De acordo com Almeida,

Pode-se afirmar que a modernidade representou um novo e vigoroso ponto de inflexão no curso da história. Isto porque ela serviu para introduzir profundas alterações nos modos de ser, agir, pensar e sentir; alterações radicadas, em última instância, na introdução do Modo de Produção Capitalista.

¹³

¹² Ver Harvey, D.; Lyotard, F.; Adorno, T. & Horkheimer, T. e Berman, M, entre outros.

¹³ Anotações da aula “Sociedade Moderna: origens e fundamentos”, ministrada na disciplina “Estado e Envelhecimento”, junto ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia.

Radicada na extinção do trabalho servil, na constituição do trabalhador livre e na separação trabalho X capital, a modernidade instaura a compra e venda da força de trabalho, no âmbito de um mercado competitivo e impessoal. Com isto, introduziu alterações significativas na vida de outrora; transformações assim apreendidas por Ariès:

O trabalhador abandona o centro de seu antigo domínio, o da sociedade tradicional, teatro, então, de todas as suas atividades, para ir trabalhar mais longe, às vezes muito longe, nem ambiente muito diferente, submetido a uma disciplina e a uma hierarquia. [...] Esse lugar específico para o trabalho é uma invenção da nova sociedade, que tem horror ao vazio. A empresa industrial ou comercial, a administração dos negócios são mecanismos ajustados. O capitalismo liberal provou sua flexibilidade, sua capacidade de adaptação. (1981; pgs. 15/16)

Sob o novo Modo de Produção, a temporalidade cronológica é hegemônica; afinal, “*tempo é dinheiro*”!

Almeida lembra que a temporalidade,

Antes fluida e cambiante, transforma-se em linearidade, em temporalidade rápida, fugaz e passageira; em temporalidade “especializada”, ou seja, um continuum rígido e bem delimitado preenchido por “coisas”, por mercadorias divorciadas das personalidades de seus produtores. Uma temporalidade abstrata, na qual nada perdura¹⁴.

¹⁴ Anotações da aula “*Sociedade Moderna: origens e fundamentos*”, ministrada na disciplina “*Estado e Envelhecimento*”, junto ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia.

A “nova temporalidade” não passou despercebida aos olhos de Baudelaire, que assim a apreende:

O Relógio¹⁵

*Relógio! Divindade sinistra, horrível, impassível,
Cujo dedo nos ameaça e nos diz: Recorda!
As vibrantes dores no teu coração cheio de terror
Cessarão brevemente como num alvo;*

*O Prazer vaporoso fugirá para o horizonte
Tal como uma sílfide para o fundo do corredor;
Cada instante te devora um pedaço da delícia
Acordada a cada homem para toda a sua estância.*

*Três mil seiscentas vezes por hora, o Segundo
Murmura: Recorda! Rápido, com a sua voz
De insecto, agora diz: Eu sou antanho,
E eu bombeeí a tua vida com a minha tromba imunda!*

*Remember! Recorda! Pródigo! Esto memor!
(A minha garganta de metal fala todas as línguas.)
Os minutos, morte brincalhona, são gangas
Que não se podem deixar sem extrair o ouro!*

*Recorda! Que o tempo é um jogador ávido
Que ganha sem batota! A todo o custo! É a lei.
O dia declina; a noite aumenta: Recorda!
O abismo tem sempre sede; a clepsidra se esvazia.*

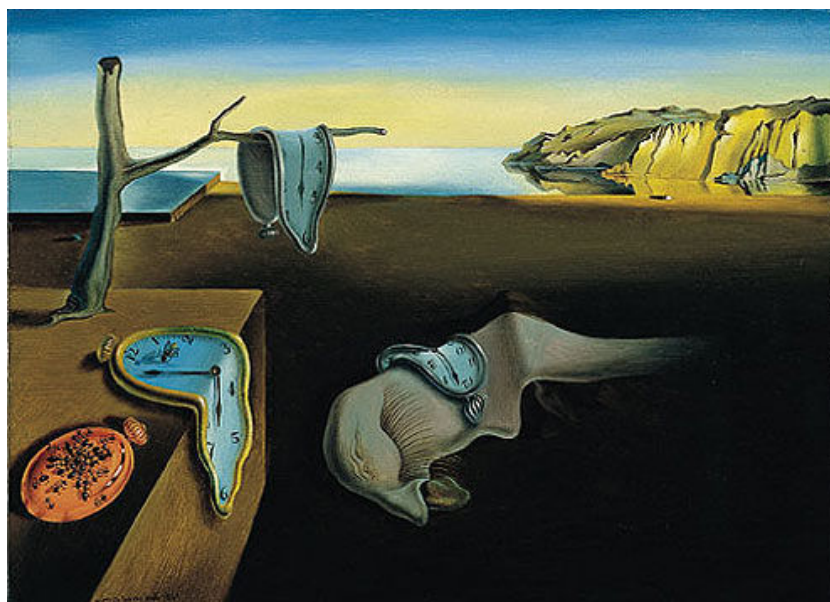
*Logo soará a hora em que o Divino Azar,
Onde a Augusta Virtude, a tua esposa ainda virgem,
Onde o Arrependimento (oh, o último refúgio!)
Onde tudo te dirá: Morre, velho fraco! É muito tarde!*

Segundo Carvalho,

¹⁵ Extraído de <http://enxofre.wordpress.com/2008/06/05/charles-baudelaire-lhorloge/> em 10/03/2009

Os tempos modernos rompem definitivamente com o passado e se entregam às ameaças e promessas de um admirável mundo novo, controlado pelo tempo racional, impessoal cronométrico e veloz dos ponteiros afinados aos relógios do trabalho industrial e produtivo. [...] Apagam-se os rastros de um tempo múltiplo, litúrgico e eterno. As chaminés de verticalidade aparente com sua fumaça plúmbea se justapõem e escondem as antigas torres e campanários de catedrais e abadias medievais. (1996; pg. 128)

Pelas mãos impiedosas de Salvador Dalí (1904/1989) a nova temporalidade também é contemplada. Distante de qualquer proximidade maior com a arte, o óleo sobre tela abaixo (“Persistência da Memória”; 1931)¹⁶, com todo seu simbolismo surrealista, testemunha, no nosso entender, uma temporalidade que, centrada nos ponteiros dos relógios, é corroída por formigas; alusão clara à fluidez e transitoriedade.



¹⁶ Óleo sobre tela 24x33cm. Nova Iorque, The Museum of Modern Art. Capturado de www.br.geocities.com/tetraides/Biografia/biografia.html. Capturado em 20/01/2009

Dos muitos poemas localizados sobre o tempo, o que se segue, de Mário Quintana, parece-nos exemplar:

“O tempo”

*A vida é o dever que nós trouxemos para
fazer em casa.
Quando se vê, já são seis horas!
Quando de vê, já é sexta-feira!
Quando se vê, já é natal...
Quando se vê, já terminou o ano...
Quando se vê perdemos o amor da nossa
vida.
Quando se vê passaram 50 anos!
Agora é tarde demais para ser reprovado...
Se me fosse dado um dia, outra
oportunidade, eu nem olhava o relógio.
Seguiria sempre em frente e iria jogando
pelo caminho a casca dourada e inútil das
horas...
Seguraria o amor que está a minha frente e
diria que eu o amo...
E tem mais: não deixe de fazer algo de que
gosta devido à falta de tempo.
Não deixe de ter pessoas ao seu lado por
puro medo de ser feliz.
A única falta que terá será a desse tempo
que, infelizmente, nunca mais voltará.*

Das considerações anteriores fica claro o desconfortável lugar da velhice na Sociedade Moderna e na temporalidade que lhe é característica. O modo de produção exige agilidade e vigor físico – próprios de idades que antecedem a velhice; por outro lado, o sistema produtivo exige, cada vez mais, atualizações e conhecimentos freqüentemente estranhos a idades mais avançadas. Paralelamente, é grande o descompasso entre a demanda e a oferta de emprego; descompasso que não é lamentado, pelo que representa em termos da remuneração do trabalho desenvolvido.

Quanto ao primeiro aspecto (atualizações e conhecimentos), Bobbio afirma:

[...] a marginalização dos velhos em uma época em que a marcha da história está cada vez mais acelerada é um dado de fato que é impossível ignorar. Nas sociedades tradicionais e estáticas, que evoluem lentamente, o velho reúne em si o patrimônio cultural da comunidade, destacando-se em relação a todos os outros membros do grupo. [...] Nas sociedades evoluídas, as transformações cada vez mais rápidas, quer dos costumes, quer das artes, viraram de cabeça para baixo o relacionamento entre quem sabe e quem não sabe. Cada vez mais, o velho passa a ser aquele que não sabe, e estes sabem, entre outras razões, porque têm mais facilidade para aprender. (1997; p. 20)

Em uma sociedade na qual a velhice é sinônimo de decrepitude, doença, dependência, desatualização, “coisa” descartável e sem valor, é fácil compreender as dificuldades idosos assumirem-se como tal.

No mais das vezes, “*velho*” é sempre o “*outro*”.

No entanto, se atentarmos para a dupla temporalidade aqui trabalhada (tempo cronológico e tempo kairós), as dificuldades acima assinaladas mostram-se enfraquecidas. O hiato entre a auto-percepção da idade (idade concebida) e os anos de vida (idade cronológica) – encontrado entre os sujeitos da pesquisa realizada – resulta, certamente, da condição de “idoso” na sociedade moderna.

No capítulo que se segue – “ponte” de ligação entre as reflexões sobre a questão da temporalidade e a pesquisa de campo realizada – desenvolvemos algumas considerações sobre a velhice, tanto na condição de um “*em-si*”, como na de um “*para-si*”. Dada a natureza do problema de investigação, nesse capítulo são estabelecidas algumas interfaces com a questão da temporalidade.

Capítulo II
A Velhice

*Envelheci. A cal da sepultura
Caiu por sobre a minha mocidade...
E eu que julgava em minha idealidade
Ver inda toda geração futura!*

*Eu que julgava! Pois não é verdade?!
Hoje estou velho. Olha essa neve pura!
- Foi saudade? Foi dor – Foi tanta agrura
Que eu nem sei se foi dor ou foi saudade!*

*Sei que durante toda a travessia
Da minha infância trágica, vivia,
Assim como uma casa abandonada.*

*Vinte e quatro anos, vinte e quatro horas...
Sei que na infância nunca tive auroras,
E afora disto, eu já nem sei mais nada¹⁷*

Augusto dos Anjos

¹⁷ Extraído de *Senectude Precoce*, de Aleixei Bueno (org.); *Obra Completa*; Rio de Janeiro; Nova Aguilar; 1996 p. 480.

1. Velhice e Temporalidade

Ao escrever o poema em epígrafe, Augusto dos Anjos tinha 24 anos de idade; faleceu aos 30. No poema, deixa claro que seu “*tempo foi vivido*” de tristezas.

Ainda que a temporalidade moderna seja rápida, linear e cronológica (ritmada pelos ponteiros dos relógios) – como foi trabalhado no capítulo anterior – é próprio do homem viver uma dupla experiência do tempo: uma cronológica, outra existencial. A esta última chamaremos “*tempo vivido*”. Por outro lado, como já afirmamos, a consciência da temporalidade, bem como sua vivência, instala-se progressivamente; ela não é um dado, mas algo que é apreendido. Nos anos tenros da primeira infância, o ontem, o hoje e o amanhã inexistem. Vive-se o presente, o aqui-e-agora. É, portanto, aos poucos que as noções de passado, presente e futuro são introduzidas na consciência. E o são não de forma homogênea – igual para todos os indivíduos – mas pela mediação de disposições internas (idiosincrasias pessoais) e de fatores externos: a época e a sociedade em que se vive.

Um bom exemplo disso são as lembranças de nossa infância; alguns indivíduos – a quem atribuímos o fato de terem “*memórias excelentes*” – lembram-se de fatos que, via de regra, só são confirmados pelos que estavam por perto quando aconteceram; outros, talvez a maioria, têm uma “*vaga lembrança*” de um ou outro evento de seus primeiros anos de vida. O apoio a registros fotográficos – hoje diríamos digitais e fílmicos – desempenha um importante papel na recuperação dos tempos atrás de nós mesmos.

Paralelamente, não é incomum certo estranhamento diante do nosso “*duplo*” fotograficamente registrado. Ao observar uma fotografia de quando tínhamos 4 anos pode impor, à consciência, um movimento de tentar nos encontrar na imagem que se apresenta aos nossos olhos. Para algumas pessoas, este

estranhamento ocorre mesmo diante de fotografias atuais; fotos nas quais temos a impressão de estarmos diante de um “*outro*” de nós mesmos.

Exemplos desse tipo poderiam se multiplicar; servem, no entanto, para testemunhar que, como afirmam Berger & Luckmann (1999), o homem “*é*” um corpo e, ao mesmo tempo, “*tem*” um corpo ao seu dispor, o que contribui para a experiência de exterioridade frente a ele.

Entre nós (entenda-se, no tempo da Modernidade), a experiência do tempo cronológico varia enormemente ao longo da vida. Assim, quando adolescentes é comum a sensação de que o tempo que nos separa dos 15 ou 18 anos é lento e demorado. Já nos anos de maturidade, aumenta progressivamente a sensação de que o tempo “*corre demais*”. A explicação para isto reside, certamente, dos afazeres que temos nestas duas etapas da vida.

Quando envelhecemos, especialmente quando – repondo o que é socialmente esperado da velhice – ficamos inativos¹⁸, o tempo ressurgue, novamente, como longo e demorado.

O fato de o homem “*ser*” e “*ter*” um corpo contribui, muitas vezes, para a existência de um hiato entre a idade real (tempo cronológico) e a idade auto-percebida (tempo vivido), objetivo central da investigação realizada.

A este título, Bobbio afirma:

Ao lado da velhice censitária ou cronológica e da velhice burocrática, existe também a velhice psicológica ou subjetiva. Biologicamente, considero que minha velhice começou no limiar dos oitenta anos. No entanto, psicologicamente sempre me considereei um pouco velho, mesmo quando jovem. Fui velho quando era jovem e quando

¹⁸ A expressão “inativos” não é utilizada, aqui, apenas por referência à aposentadoria. Isto porque entendemos que aposentar-se do trabalho não significa aposentar-se da vida.

velho ainda me considerava jovem até há poucos anos. Agora penso ser mesmo velho-velho. (1997; p. 18)

Para Bobbio,

Exercem importância determinante sobre esses estados de ânimo também as circunstâncias históricas, aquilo que acontece à nossa volta, tanto na vida privada (por exemplo, a morte de uma pessoa querida), quanto na vida pública. Não escondo que nos anos de contestação, quando surgiu uma geração rebelde aos pais, senti-me de súbito envelhecido (eu já completara sessenta anos). Das crises de velhice psicológica podemos nos recuperar. Mais difícil é nos recuperar do envelhecimento biológico, mesmo que hoje a medicina e a cirurgia façam milagres. (1997; p. 18)

Em Almeida lemos:

Extraíndo suas energias da vitalidade física e do pleno gozo das capacidades intelectuais e produtivas, (a sociedade moderna) se constrói em torno de um ideário no qual a juventude ocupa lugar central. O mito não poderia ser outro senão o da “eterna juventude”. [...] Ampliam-se as pesquisas voltadas à minimização do envelhecimento biológico e funcional. Sobre isto, há que se destacar o considerável espaço reservado pela mídia para a divulgação de “achados” e tecnologias capazes de nos “proteger” da velhice. [...] Transformado, segundo Baudrillard, no “mais belo objeto de consumo” o corpo experimenta, nas sociedades modernas, um processo de redescoberta e re-apropriação. (2003; p. 42/44)

Na sociedade moderna, a tendência é nos comportar como se jamais fôssemos velhos. Isto porque, como lembra Bosi,

A sociedade industrial é maléfica para a velhice. [...] (Ela) rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho, ele já não é produtor nem reprodutor. Se a posse, a propriedade, constituem, segundo Sartre, uma defesa contra o outro, o velho de uma classe favorecida defende-se pela acumulação de bens. Suas propriedades o defendem da desvalorização de sua pessoa. O velho não participa da produção, não faz nada; deve ser tutelado, como um menor. Quando as pessoas absorvem tais idéias da classe dominante, agem como loucas porque delinham seu próprio futuro. (1987; pgs. 35/36)

Remetendo-se a Sartre, Bosi afirma que a “*velhice é um irrealizável*” (1987; p.37). Isto porque ela

é uma situação composta de aspectos percebidos pelo outro e, como tal, reificados (um être-pour-autrui), que transcendem nossa consciência. Nunca poderei assumir a velhice enquanto exterioridade, nunca poderei assumi-la existencialmente, tal como ela é para o outro, fora de mim. É um irrealizável como a negritude; como pode o negro realizar em sua consciência o que os outros vêem nele? (1987; p. 37)

Aos 60 anos, são raros os que se consideram “*velhos*” e, mesmo depois dos 80 anos, muitos acreditam estar na “*meia-idade*”, enquanto outros continuam a se achar “*jovens*”.

Em matéria publicada pelo jornal *Folha de São Paulo*¹⁹, Francisco Daudt afirma:

Terceira idade? Só porque completei 60 anos? Tecnicamente supõe que eu vou morrer aos 90, pois até os 60 era a segunda idade. No meu caso, meu pai morreu lúcido com 102 e minha mãe está ótima aos 95. Mas isso não passa de praga genética. A verdade é que continuo com 25 anos. Nem quero saber da cronologia. "Ah, mas você está mais perto da morte do que antes. (grifos nossos)

Apesar de o processo de classificação ser historicamente recorrente - sendo que o sexo e a idade constituem critérios universalmente utilizados, ainda que variáveis conforme a época e a cultura - a institucionalização de “fases” que têm início na data do nascimento e culminam na velhice, remonta ao final do século XIX. Assim, na sociedade moderna e em termos “cronológicos”, temos as seguintes “fases”: infância, adolescência, juventude, idade adulta, e velhice. Estas fases são demarcadas por vários eventos (alguns físicos, como a menarca, outros culturais e variáveis conforme a classe social) que sinalizam as diversas idades: o casamento, o nascimento do primeiro filho, o ingresso no mercado do trabalho e a tão dramática aposentadoria, que impõe às pessoas, cada vez mais precocemente, o estatuto de “velhas”.

Hoje em dia, a referência temporal ao “*melhor tempo*” da vida refere-se à juventude e à sua eterna busca. Somos diuturnamente “*bombardeados*”, pelos mais diversos meios e veículos de comunicação, para cultuar a juventude e negar a velhice. Frases como “*sou velho, mas meu espírito é jovem*” ou “*estou velho, mas tenho cabeça de jovem*” denunciam a negação da maturidade e da velhice.

Esta dissertação foi elaborada na confluência entre as temporalidades cronos e kairós. Entendemos que é somente desta maneira que temos a

¹⁹ Caderno Especial 1; 15 de Março de 2009, pg. 10.

possibilidade de compreender as aproximações e afastamentos entre as idades cronológica e existencial dos entrevistados.

Em palestra proferida em evento promovido pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia, o Prof. Dr. Mário Sérgio Cortella afirmou: “*a cada dia que passa me sinto mais novo; sou a mais nova versão de mim mesmo*”.

Dentre as ciências humanas, a antropologia e a psicologia social vêm demonstrando, de longa data, a impossibilidade da existência do ser fora da sociedade e da cultura. São elas que direcionam o que, no homem, é carente de direção.

Algumas noções desenvolvidas por Berger e Luckmann (1999) mostraram-se especialmente afinadas à questão da auto-percepção da idade, ainda que este não seja um tema abordado diretamente pelos autores.

A primeira noção é a do homem como um ser que se defronta, ao nascer, com o que denominam “*abertura ao mundo*”; abertura relacionada ao fato de a organização instintiva humana ser “subdesenvolvida”²⁰ – o homem tem impulsos, mas estes são carentes de direção e especialização. Com isto, o processo de tornar-se homem ocorre sempre, e em todo lugar, em um ambiente que é social. É a sociedade e a cultura que preenchem o hiato deixado vago pela “natureza”.

Para Berger e Luckmann,

O organismo humano é capaz de aplicar o equipamento que possui por constituição a uma ampla escala de atividades e, além

²⁰ Os autores remetem este “subdesenvolvimento” aos componentes biológicos da espécie humana. Assim, no longo processo que levou à constituição do *Sapiens*, o centro do desenvolvimento ontogenético migrou para o sistema nervoso central (mais especificamente, o cérebro); como resultado, tudo o que nos demais animais é biologicamente determinado, porque “dado” pela natureza, passou a depender do meio para adquirir forma, conteúdo e direção.

*disso, constantemente variável e em variação. [...] O processo de tornar-se homem efetua-se na correlação com o ambiente*²¹. (; 1999; pg.70)

Segundo esses autores, são os “*outros significativos*” que estabelecem a mediação entre o mundo e quem nasce. Em função disto, nas respostas às forças ambientais, o organismo humano apresenta enorme plasticidade. Assim, “*é um lugar comum etnológico dizer que as maneiras de tornar-se e ser humano são tão numerosas quanto as culturas humanas*” (Berger e Luckmann; 1999;pg.72).

Como afirmado anteriormente, outra noção importante dos autores mencionados para a contextualização do problema de investigação é a da relação do homem com seu corpo. Diversamente de outros animais, o homem é o único animal que experimenta o corpo como exterioridade; ao mesmo tempo em que é um corpo, sabe que tem um corpo a seu dispor. Entendemos que é a experiência desta dualidade que – alimentada pela cultura, pelo contexto situação e pela condição social, entre outros – permite aos homens se atribuírem idades que não correspondem, exatamente, às que têm. Cabe salientar que a auto-atribuição da idade é, ao mesmo tempo, um processo pessoal e social. Ou seja, relaciona-se tanto às idiossincrasias pessoais (vivências, desejos, aspirações), quanto ao que vem de “*fora*”, dos “*outros*”; de pessoas próximas ou daquelas com quem mantém vínculos episódicos.

Estas considerações nos levaram a Worsley, autor que explora a questão do significado, ou da percepção.

Segundo Worsley, o homem não vê o mundo e a si mesmo tal qual são. A percepção é, para ele, sempre seletiva. Assim,

²¹ Entendido como “natural” e “humano” (social e cultural).

o modelo de percepção humana não pode ser reduzido ao funcionamento simples do globo ocular, que se limita a uma observação passiva. [...] o mundo não é “dado” para os homens, qualquer coisa que, para ser conhecida, exija apenas que se mantenham os olhos abertos. Aquilo que é visto é tanto função do objecto em si como de quem vê, da forma como vê e do que procura ver. (1974. pg. 464)

De acordo com Worsley,

a maneira como vemos qualquer coisa depende dos interesses que temos, dos conhecimentos, da informação e da oportunidade para os adquirir. Olhamos à nossa volta²² de uma forma seletiva, procurando aquilo que nos interessa e ignorando tudo o que não seja relevante para o que queremos fazer. (1974; pg. 466)

O carácter mais amplo das noções acima desenvolvidas ganha significado singular quando pensado a partir do binómio “Velhice” X “Sociedade Moderna”. Isto porque esta é uma sociedade que – alimentada pelo ideal da “*eterna juventude*”, movida pelos combustíveis da produtividade, das rápidas inovações tecnológicas, da valorização da mudança e da negação do passado – relega, sob as mais diversas formas, quaisquer “*sinais*” da velhice. Nela, a velhice é sinónimo de decrepitude, decadência e obsolescência. Na sociedade moderna, a velhice é o “*outro*”; é a diferença a ser negada. Os próprios idosos dificilmente se assumem como tal. É comum afirmarem que não são “*velhos*” porque não são doentes, nem dependentes.

²² Ao que acrescentaríamos “a nós mesmos”.

Doença e dependência física são dois termos muito associados, entre nós, à velhice.

Recuperando o hábito de ter sempre um dicionário ao lado, nele procuramos os significados de “*velho*”, “*idoso*” e “*jovem*”. Eis o que encontramos:

1. **Velho:** (Adj); Muito idoso; De época remota, antigo; Que tem muito tempo de existência; Gasto pelo uso, usadíssimo; Que há muito possui certa qualidade ou exerce certa profissão; Desusado, antiquado, obsoleto; Empregado ou usado há muito. (Subs. Masc); Homem idoso; Pai, papai;
2. **Idoso:** (Adj); Que tem muita idade, velho. (Subs Masc.); Homem idoso
3. **Jovem:** (Adj); Que é moço, que está na idade juvenil.

Pelas definições acima, não constitui qualquer atitude de desprezo ou despreço nos referimos a alguém como “*velho*”. Velho também é sinônimo de idoso, assim como de ancião e longevo. Mas é recorrente, entre nós, a atribuição de conotações pejorativas à pessoa idosa, dita “*velha*”; na maioria das vezes, estas conotações repõem a identidade cristalizada da velhice assentada no declínio e na diminuição da capacidade vital do indivíduo; na decrepitude do ser humano. Assim, não é de estranhar frases do tipo “*estou velho, mas tenho cabeça de jovem*”.

A situação inversa – jovem com cabeça de velho – praticamente inexistente; afirmar-se “*jovem com cabeça de velho*” – frase quase inaudível – soa estranho em uma sociedade que tanto valoriza a juventude; como frase e condição existencial, constituem, em nossa sociedade, um “não-lugar”, conforme expressão de Augè. Via de regra, as pessoas que se sentem com

“*mais idade*” normalmente não reconhecem isso; como se o fato de elas serem rotuladas de “*idosas*” consistisse em certo infortúnio.

Enquanto a vitalidade, o bom humor e a adaptação aos novos tempos refletem comumente uma pessoa “*jovem*”, o mau humor, a falta de paciência, as manias e o tédio podem significar que a pessoa está “*velha*”.

Há muitas pessoas que “*nasceram velhas*”, se fosse possível defini-las desta forma.

Quem não morre por algum acidente, doença ou outra fatalidade durante a infância, adolescência ou idade adulta, certamente vai “*sofrer de velhice*” um dia. É um “*mal*” necessário e inerente à vida. Irão ficar perto do fim; perto da morte. Uns irão “morrer de medo”.

Em nosso modelo de sociedade, a morte é um tabu; ela amedontra. No *Dicionário Houaiss*, encontramos alguns significados para esta “*abominável*” palavra:

Morte:

- Fim, término de qualquer coisa, ger. Subjetiva, criada consciente ou inconscientemente pelo homem
- O fim, o desaparecimento, freq. Gradual, de qualquer coisa que se tenha desenvolvido por algum tempo
- Derivação: sentido figurado, intenso sofrimento, grande dor e angústia. Ex.: Foi uma morte viajar sem seus filhos.

A velhice é feia? Por quê? Por que ela nos aproxima do fim. Por isso.

Nos últimos tempos, Brana, 81, casada há quase 60 anos, passou a acordar de madrugada para checar se o coração do marido batia, tocar em seu corpo para ver se ele se mexia. Mas agora essa mania passou, ela minimiza. O polonês Szaja, 89, não confirma: "Eu fico deitado, e ela vem ver se eu estou dormindo".²³

Hayflick procura desfazer a crença, fortemente enraizada entre nós, de que aos 65 anos a pessoa fica velha. Para ele, é

como se acontecesse algum evento biológico que transformasse os seres humanos de 64 anos em velhos à meia-noite do dia do seu aniversário de 65 (1994; pg.50).

Na sociedade atual, a saída do mercado de trabalho²⁴ indica que a pessoa já não faz mais parte da sociedade economicamente ativa; ela passa a ser “contabilizada” como “inativa”, ou seja, não ativa, sem atividade! Ao perder a capacidade laboral, perde, entre nós, o estatuto de ser humano pleno e a condição de cidadã.

Felizmente, os tempos estão mudando; os idosos, a cada dia que passa, procuram fazer do tempo da aposentadoria uma das fases mais prazerosas de suas vidas. É para isso que a gerontologia existe: através de investigações criteriosas, revela, entre outras coisas, que o velho é um cidadão e, conseqüentemente, detentor de direitos e deveres.

²³ In: Caderno Especial 1; jornal *Folha de São Paulo*; edição de 15 de Março de 2009; pg. 8.

²⁴ Cabe esclarecer que por “trabalho” entende-se, no contexto desta dissertação, “emprego”, ou seja, atividade remunerada a partir da inserção no mercado de trabalho. Este esclarecimento é importante na medida em que um dos diferenciais humanos é, exatamente, a capacidade de trabalho; capacidade que não cessa com a aposentadoria.

A chamada Sociedade de Consumo²⁵ está atenta para o “novo consumidor” que entra em cena, ou seja, o “velho” que se preocupa com o bem-estar e com a qualidade de vida.

Hayflick descreve, com extrema elegância e invejável praticidade, os vários aspectos do envelhecimento. Mostra-nos que o envelhecimento não deve ser conceituado a partir de modelos fechados e acabados; de paradigmas centrados, basicamente, em aspectos e dimensões restritos à biologia do corpo humano. Isto porque, como afirma, “estamos a cada segundo nos renovando” (1994; pg.59).

Em Morin, a idéia de renovação também está presente:

Viver de morte, que significa isso? Significa que, num organismo vivo, nossas moléculas se degradam, mas que somos capazes de produzir moléculas totalmente novas que rejuvenescem as células. De igual modo, nossas células degradam-se mas o organismo é capaz de produzir células totalmente novas que o rejuvenescem. Rejuvenescemos sem cessar. Cada batida de nosso coração irriga nosso organismo com sangue desintoxicado pelos pulmões. Rejuvenescemos 60 vezes por minuto. Eu rejuvenesço, vocês rejuvenescem, nossas moléculas fazem-no várias vezes por ano. Passamos o tempo rejuvenescendo, ou seja, vivemos da morte dessas células para rejuvenescer-nos. Mas então, por que morremos? Porque, com o tempo, rejuvenescer é sumamente cansativo. Rejuvenescer é mortal! Por isso, desgraçadamente morremos, Morremos de vida. (1996; p. 278/279)

²⁵ Expressão criada para dar conta das transformações ocorridas no pós-guerra e centradas no incremento da produção e na busca de consumidores para quem o ato de comprar é visto como uma “obrigação”.

No entanto, vivemos cada vez mais em frente ao espelho e submetidos aos padrões de beleza impostos pela mídia; padrões cada vez mais rígidos. Todos almejam a “*eterna juventude*”.

Somos filhos do tempo cronológico; vivemos sob o comando de *Cronos*. Mas nem por isso podemos dizer que somos vítimas do processo de envelhecimento.

É nosso tempo *Kairós* que dá o sentido aos anos que *Cronos* nos impõe; é este tempo que dá sentido às nossas vidas, que nos torna plenos.

Em outros termos, é o tempo *Kairós* que confere significado ao tempo *Cronos*.

Falar de velhice e envelhecimento significa falar em “*curso da vida*”; curso que tem o nascimento e a morte como limites. Considerando a polêmica em torno desta expressão – polêmica muito presente na gerontologia - cabe esclarecer que ela é entendida, no contexto desta dissertação, como sinônimo de trajetória de vida. Nascer e morrer são fatos inquestionáveis. No entanto, o intervalo – maior ou menor - entre o nascimento e a morte é preenchido (entenda-se vivido) sob as mais diversas condições. Incontáveis fatores contribuem para que o transcorrer da vida ganhe contornos singulares e idiossincráticos. O fato de sermos produtos da sociedade em que nascemos e vivemos não constitui uma via de mão única; entre o que nos é dado e o que somos interpõe-se um longo – por vezes prazeroso, por vezes doloroso – processo de autoconstrução. É em meio a determinantes culturais, econômicos, educacionais, religiosos e étnicos, entre outros, que tecemos nossas singularidades.

O “*curso da vida*” é um recorte individual no tempo que é exterior a cada um de nos. Indica uma vida inteira; a minha, por exemplo. Assim, minha vida começou no momento da concepção, ou seja, mais ou menos nove meses

antes do dia do meu nascimento e qualquer dia desses vai acabar. Esse período é o curso da minha vida.

Shakespeare discorre sobre a vida e marca seu início no momento da concepção. A ele devemos uma das mais elegantes caracterizações do envelhecimento:

A vida começa no momento da concepção, passa pela diferenciação e maturação do organismo e suas células e, após um período variável de tempo, evolui para a perda progressiva da capacidade funcional, terminando na morte. (apud S. Feldman & Sears, 1975)

É também de Shakespeare os dois textos que se seguem:

*Não, Tempo, não zombarás de minhas
mudanças!
As pirâmides que novamente construístes
Não me parecem novas, nem estranhas;
Apenas as mesmas com novas vestimentas.*

*O tempo é muito lento para os que
esperam
Muito rápido para os que têm medo
Muito longo para os que lamentam
Muito curto para os que festejam
Mas, para os que amam, o tempo é
eterno²⁶.*

Não importa em que momento da vida a morte ocorre; ela marca o final de um ciclo. Representa o fim de uma vida, de uma construção única. Como

²⁶ In: www.pensador.info/p/poemas_sobre_o_tempo/1/ (capturado em 12/02/2009).

afirma Messy, “o envelhecimento é um processo que se inscreve na temporalidade do indivíduo, do começo ao fim da vida” (1993, p. 13).

Sobre o tempo, lemos em Mário Quintana:

Não se devia permitir nos relógios de parede esses ponteiros que marcam os segundos: eles nos envelhecem muito mais do que os ponteiros das horas. (2003, p. 121).

Fernando Sabino escreve:

O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis²⁷.

No “*curso da vida*”, há marcos que regem nossos comportamentos. Entre as mulheres, a menarca e a menopausa são marcos importantes; sinalizam a entrada na adolescência e o término da vida fértil. Radicados na biologia, esses marcadores são socialmente utilizados para definir papéis e funções sociais. Como tal, refletem sobre as mulheres em ciclos de vida.

Cada pessoa possui um relógio biológico, ou seja, cada indivíduo possui uma “*velocidade de envelhecimento*”; essa velocidade pontua o envelhecimento de cada órgão também. Por exemplo, há pessoas que possuirão cabelos brancos aos 30 anos, outras aos 60 e outras não saberão o que é isto. Há pessoas que, sem rugas, podem desenvolver patologias em algum órgão vital, fruto do envelhecimento das células do mesmo. Dentro de um mesmo organismo cada órgão tem seu próprio relógio biológico de envelhecimento.

²⁷ In: www.pensador.info/p/poemas_sobre_o_tempo/1/ (capturado em 12/02/2009).

São essas algumas das características que contribuem para a heterogeneidade dos seres humanos e, portanto, também de suas velhices.

2. Concebendo a Velhice

A forma como o processo de envelhecimento e a velhice foi visto, desde a antiguidade até nossos dias, demonstra que o tema foi objeto de diferentes leituras.

Nos tempos mais antigos, são relativamente escassos os relatos e reflexões sobre a velhice. A baixa expectativa de vida de então responde, certamente, por esta ausência; ausência que não permitia que o assunto fosse objeto de atenção ou pesquisa, já que a idade adulta e velhice se confundiam. Como ciência e filosofia eram praticamente sinônimos, foi em alguns filósofos que encontramos algumas referências sobre a velhice.

Nas fontes consultadas, a velhice é vista tanto positiva, como negativamente. Reproduzimos, a seguir, a visão de alguns dos mais antigos pensadores sobre o tema:

- O pensador oriental **Lao-Tsé**, entendia a velhice como um momento supremo de alcance espiritual máximo.
- **Confúcio**, outro pensador oriental, pensava que toda a família deve obediência ao ente masculino mais velho. E que mesmo a mulher mais velha, tem poderes maiores do que os homens mais jovens.
- **Aristóteles**, filósofo grego, dizia que uma boa velhice é a que não apresenta enfermidades.
- **Platão**, dizia que sendo o ser humano prudente, a velhice não constitui nenhum peso e que com a chegada da velhice surge no ser humano um sentimento de paz e libertação.

- O romano **Cícero**, em sua obra *De Senectude*, diz que os idosos substituem os prazeres corporais pelos prazeres intelectuais.
- **Sêneca**, filósofo romano, dizia que a velhice é boa como tudo o que é natural. Ele não via a velhice como sendo uma decadência, e diz que é necessário que se aceite o processo de envelhecimento para que se possa ter tranquilidade e aproveitar essa fase da vida.²⁸

Conceber a velhice a partir de determinantes biológicos, ou seja, como fase de declínio do ser humano, é muito freqüente. Mas ela também é concebida em um sentido mais amplo que, para além do declínio biológico, envolve diversas perdas; perdas que ligadas a todos os aspectos da vida, como os psíquicos, os existenciais, os econômicos e os sociais.

Ao se deparar com a realidade do mundo exterior, o jovem Sidarta (futuro Buda) considerou que as três principais causas do sofrimento humano eram a doença, a velhice e a morte.

Não é de se estranhar que uma das formas de se referir à passagem do tempo nos seres humanos esteja relacionada às estações do ano, cabendo ao “*inverno*” a representação tida como a mais apropriada para a velhice. Haja visto o auto-intitulado “*pessimista*” Norberto Bobbio, neste trabalho e suas citações.

Já o poeta Willian Blake, diferentemente de Bobbio, diz:

*No tempo de semear, aprender. No tempo de colher, ensinar. E quando o inverno chegar, gozar... .*²⁹

²⁸ In: www.webartigos.com/articles/1187/1/velhice/pagina1

²⁹ In: http://www.pensador.info/p/willian_blake/1/

Mas há exceções, como demonstra a visão de Platão sobre a velhice, na obra *A República*. Nela encontramos um diálogo entre Sócrates e o velho Céfalo. No diálogo, Sócrates começa dizendo que lhe apraz conversar com pessoas de idade e bastante avançada pois

Parece-me que devemos informar-nos junto deles, como de pessoas que foram à nossa frente num caminho que talvez tenhamos de percorrer, sobre as suas características, se é áspero e difícil, ou fácil e transitável. (2008.13)

Ao que Céfalo completa:

Por que é bem verdade que a velhice nos proporciona repouso, livrando-nos de todas as paixões. (...) É como se nos libertássemos de inúmeros e enfurecidos senhores. No que diz respeito aos desgostos, aos aborrecimentos domésticos, estes tem apenas uma causa, Sócrates, que não é a velhice, mas o caráter do homem. Se ele tiver bom caráter e espírito equilibrado, a velhice não será um fardo insuportável. Para os que não são assim, tanto a velhice quanto a juventude lhe serão desgostosas. (2008:14)

A velhice nunca é um “*em si*”; ela é sempre contextualizada, assim como tudo na vida.

Ser velho no Brasil é diferente de o ser nos Estados Unidos ou na Índia, por exemplo. Oriente e Ocidente diferenciam-se muito nas concepções de velhice e no lugar ocupado pelos idosos na sociedade. Na China, por exemplo, o respeito aos velhos transcende o âmbito da própria família; neste

País, é clara a correlação existente entre velhice e sabedoria, como bem atestam as palavras de Confúcio:

Aos 15 anos, eu me aplicava no estudo da sabedoria, aos 30, consolidei-o; aos 40 não tinha mais dúvidas; aos 60, não havia mais nada no mundo que me pudesse chocar; aos 70, podia segurar os desejos do meu coração sem transgredir a lei moral.³⁰

Com o passar dos anos, as concepções de envelhecimento e velhice ganharam novos contornos. Ainda que o aumento da expectativa de vida – tanto em termos mundiais, como nacionais – responda em parte por isto, as formas renovadas de significar o processo e a velhice não resultaram apenas deste fato. Entraram em cena as novas abordagens sobre o envelhecimento; paradigmas tradicionais caíram por terra, fato que não pode ser atribuído somente à longevidade³¹. Os avanços da medicina e a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos em geral e dos idosos em particular contribuíram para que a tradicional imagem do idoso - que vive entre quatro paredes, recolhido e privado de sociabilidade - cedeu lugar para que os “*cabelos brancos*” ocupassem novos espaços e lugares sociais. Cada vez mais, o que conta é viver uma velhice saudável.

A concepção de velhice saudável não se restringe à ausência de doenças, mas às condições gerais do indivíduo; condições que envolvem amplas dimensões da existência (além do bem estar físico, contam também os aspectos psicológicos e sociais). A tendência hegemônica é apreendê-la de forma global, como condição complexa e multifacetada.

³⁰ In: <http://www.pensador.info/autor/Confucio/5/>. Capturado em 18 de Fevereiro de 2009.

³¹ Longevidade é sinônimo dos anos vividos a partir da “entrada” na velhice; entrada que ocorre aos 65 anos nos países desenvolvidos e aos 60 anos nos países em desenvolvimento, como o Brasil.

As velhices são diferentes; assim, pode-se afirmar que há muitas velhices. A diversidade de velhices é influenciada pela cultura, pelas condições sócio-econômicas, pela escolaridade, pelas relações sociais, pelas disposições psíquicas e, também, pela biologia, ponto comum entre todas as velhices e base para se entender o ser humano no período entre o nascer e morrer.

3. O que é a Velhice?

Em nossa sociedade, como já foi dito, a definição das etapas do curso de nossas vidas é bastante clara. Trata-se de definições pautadas, muitas vezes, em eventos radicados na biologia. Mas outros eventos, que independem de fundamentos biológicos, também são utilizados a título de classificação de etapas. A aposentadoria é um desses eventos.

No Brasil, o indivíduo com 60 anos é considerado idoso, quer se aposente ou não. É com base na idade cronológica que é definida a categoria social “idoso”.

Uma categoria social consiste num agrupamento estatístico de indivíduos, constituído com base na existência de uma ou mais características (indicadores) comuns entre eles (Bosi; 1994). No caso da velhice, o critério definidor da categoria é a idade cronológica.

Compreender a categoria social e o que envolve o ser – idoso – é de fundamental importância para o entendimento deste trabalho.

A velhice é conceituada e debatida de diversas formas por vários autores.

Paulo Gaudêncio diz que é a velhice consequência do progresso. E não sem razão. A descoberta dos antibióticos e a melhoria do saneamento básico contribuíram, e muito, para o aumento da expectativa de vida do Homem e para a longevidade; conseqüentemente, aumentou também a sobrevida útil.

Esse fato acarretou não somente mudanças sociais - individuais e grupais - como científicas, através da ampliação dos estudos relacionados ao tema. Até algumas décadas atrás, como já foi afirmado, a idade adulta se confundia, praticamente, com a velhice, já que a sobrevivência era significativamente baixa.

Camarano, demógrafa e pesquisadora do IPEA, afirma:

O crescimento relativamente mais elevado do contingente idoso é o resultado de suas mais altas taxas de crescimento, dada a alta fecundidade prevalecente no passado comparativamente à atual e à redução da mortalidade. Enquanto o envelhecimento populacional significa mudanças na estrutura etária, a queda da mortalidade é um processo que se inicia no momento do nascimento e altera a vida do indivíduo, as estruturas familiares e a sociedade. (2002:58)

Porém, o debate em torno da velhice aparece desde épocas bem mais antigas na história da humanidade. Cícero, em sua obra *Saber Envelhecer*, que data de 44 a.C., diz que a velhice é uma necessidade da natureza; assim, aborda temas como os prazeres mundanos, a decrepitude e a morte.

Simone de Beauvoir escreve: “A velhice não é um fato estático; é o resultado e o prolongamento de um processo. (...) Esta idéia está ligada à idéia de mudança” (1990, pág. 17).

Capítulo III
A Pesquisa de Campo

1. Objetivos

Os **objetivos gerais** deste trabalho foram:

- ✓ Investigar as aproximações e os afastamentos entre a idade cronológica e a idade concebida
- ✓ Identificar, entre profissionais da área da saúde, os significados atribuídos à velhice.

Dos **Objetivos Gerais** desdobraram-se os seguintes **Objetivos Específicos**:

- ✓ Levantar, junto aos entrevistados, as concepções de “Velhice” e “Idoso”,
- ✓ Verificar os fatores que levam os sujeitos à aproximação e/ou afastamento entre os anos de vida e a idade auto-atribuída.
- ✓ Identificar a presença de uma dicotomia entre a idade real e a idade concebida.
- ✓ Verificar semelhanças e diferenças nas concepções de velhice e na auto-percepção da idade, entre sujeitos radicados na área da saúde.

2. Procedimento Metodológico

Método significa uma investigação que segue um modo ou uma maneira planejada e determinada para conhecer alguma coisa; procedimento racional para o conhecimento seguindo um percurso fixado. (CHAUÍ, 1994; p. 354)

As pesquisas qualitativamente orientadas dispõem de vários instrumentos de coleta de dados. Como exemplos, podemos citar a história de vida, os grupos focais, a observação participante e a entrevista (em suas várias modalidades³²). De acordo com Minayo (2000), nas pesquisas sociais a entrevista – ao lado da observação participante - constitui uma das técnicas mais utilizadas e consagradas. Ela consiste em uma

conversa a dois, feita por iniciativa do entrevistador, destinada a fornecer informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e entrada (pelo entrevistador) em temas igualmente pertinentes com vistas a esse objetivo. (Kahn & Cannell; apud Minayo; 2000; pg. 108)

A consideração do problema e dos objetivos de investigação contribuíram para que a opção metodológica recaísse, aqui, na abordagem qualitativa. Isto por tratar-se de uma abordagem que permite explorar melhor as concepções, os desejos, aspirações dos sujeitos; é a abordagem que melhor

³² Entrevista estruturada, semi-estruturada e em profundidade, dentre outras.

contribui para que o pesquisador vislumbre os significados atribuídos, pelos sujeitos, ao problema da pesquisa.

As entrevistas foram norteadas por um roteiro. Diversamente do questionário - que além de pressupor hipóteses é composto, basicamente, por questões fechadas -, o roteiro contempla poucas questões. E não poderia ser diferente, uma vez que seu principal objetivo é permitir que os sujeitos, a partir de certos estímulos (perguntas) fornecidos pelo pesquisador, sintam-se à vontade para discorrer, falar, expor seu ponto de vista da maneira mais livre possível, ou seja, sem constrangimentos.

Como “*um instrumento*” para orientar uma “*conversa com finalidade*” (Minayo; 2000; pg. 99), o roteiro deve

ser o facilitador de abertura, de ampliação e de aprofundamento da comunicação. Dele constam apenas alguns itens que se tornam indispensáveis para o delineamento do objeto, em relação à realidade empírica e devem responder às seguintes condições: (a) cada questão que se levanta, faça parte do delineamento do objeto e que todas se encaminhem para lhe dar forma e conteúdo; (b) permita ampliar e aprofundar a comunicação e não cerceá-la; (c) contribua para emergir a visão, os juízos e as relevâncias a respeito dos fatos e das relações que compõem o objeto, do ponto de vista dos interlocutores. Roteiro é sempre um guia, nunca um obstáculo, portanto, não pode prever todas as situações e condições de trabalho de campo. (Minayo; 2000; pgs. 99/100)

Outro aspecto considerado foi o dos sujeitos. Como nas pesquisas qualitativas inexistente “*amostragem*”, os sujeitos são selecionados a partir da consideração de alguns critérios que, definidos pelo pesquisador, guardam relação com seu tema e objeto de investigação. Gaskell lembra que a

amostragem carrega, inevitavelmente, conotações dos levantamentos e pesquisa de opinião onde, a partir de uma amostra estatística sistemática da população, os resultados podem ser generalizados dentro de limites específicos de confiabilidade. (2002:67)

A este título, Minayo afirma que o processo de seleção dos sujeitos

a) privilegia os sujeitos sociais que detêm os atributos que o investigador pretende conhecer; (b) considera-os em número suficiente para permitir uma certa reincidência das informações, porém, não despreza informações ímpares cujo potencial explicativo tem que ser levado em conta; (c) entende que na sua heterogeneidade fundamental relativa aos atributos, o conjunto de informações possa ser diversificado para possibilitar a apreensão de semelhanças e diferenças; (d) esforça-se para que a escolha do lócus e do grupo de observação e informação contenham o conjunto das experiências e expressões que se pretende objetivar com a pesquisa. (2002; pg. 102)

As entrevistas foram iniciadas com explicações gerais³³ sobre a pesquisa, com a solicitação de concordância em participar e de utilizar o gravador. A partir da concordância, foram registrados alguns dados mais gerais de identificação: nome, idade, sexo, profissão e atividade atual.

Após a explicação da investigação e a concordância em participar da mesma (concordância registrada através de assinatura do *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*), os entrevistados foram convidados, inicialmente, a falarem um pouco de si mesmos. Com isto, respeitamos a etapa

³³ A explicação dada aos sujeitos foi a de que a investigação relacionava-se à questão da idade.

denominada pelos estudiosos de metodologia, de “*fase de aquecimento*”: “*Fale-me um pouco do Sr. (a). De sua vida. De seu dia-a-dia. Das coisas que gosta etc.*”. A partir de então, os temas relativos à investigação foram, paulatinamente, introduzidos.

Na seqüência, reproduzimos o roteiro norteador das entrevistas:

- O que entende por “velhice” (buscar respostas tanto em termos etários como em termos existenciais).
- O que é “ser velho” (a partir da resposta, pedir para explicar mais).
- Considera-se “velho” e por quê.
- Há diferenças entre “idoso” e “velho” (explicar).
- Se pudesse esquecer, momentaneamente, a idade que têm, quantos anos teria hoje. Fale mais sobre.
- Conhece pessoas que acham que têm idades menores do que realmente têm. (falar mais sobre)
- Conhece pessoas que acham que têm mais idade do que realmente têm (falar mais sobre)
- Fale um pouco do que é bom na velhice e do que não é bom.

4. Os Sujeitos

Os critérios inicialmente pensados para a seleção dos sujeitos foram a idade (igual ou maior de 60 anos), o sexo e o estrato sócio-ocupacional. No entanto, quando do Exame de Qualificação, definiu-se que a pesquisa ficaria mais interessante se focássemos em profissionais de uma determinada área; delimitou-se, então, que seriam profissionais da área da saúde.

Por tratar-se de uma investigação com finalidade exploratória e sem qualquer objetivo de generalização dos dados obtidos, ficou estabelecido em cinco o número de sujeitos, independentemente do sexo. Assim e longe de qualquer intenção de generalizar a partir dos dados obtidos, o recurso a estes critérios resultou da possibilidade de verificar eventuais similitudes e diferenças sobre a auto-percepção da idade entre sujeitos da área da saúde.

A opção pela área da saúde decorreu da consideração do fato de esses sujeitos/profissionais refletirem uma dupla relação com a velhice: a própria e a resultante do contato com seres humanos de todas as idades, especialmente de idosos³⁴.

Perfil dos entrevistados:

A. Profissão

- 3 médicos
- 1 Auxiliar de enfermagem
- 1 Técnica em enfermagem

B. Idades: 62 anos (um), 65 anos (dois), 66 anos (um) e 71 anos (um)

C. Sexo: quatro homens e uma mulher.

A transcrição das entrevistas encontra-se, no corpo desta dissertação, como **Anexo II**. Para garantir o anonimato, os sujeitos foram identificados através da letra “E” (de entrevistado), seguida de um número (de 1 a 5).

³⁴ Como se sabe, os idosos utilizam – mais do que as outras faixas etárias – os diversos serviços de saúde, inclusive através de internações mais demoradas.

5. Análise das Entrevistas

1 - O que entende por velhice?

E1: Velhice é uma coisa orgânica; então com o passar do tempo as coisas vão envelhecendo, aí temos a definição de velhice. Envelhecendo, algumas coisas vão se estragando pelo uso ou pelo desuso. Isso é velhice. Velhice é cronológica. Ela não é mental. É cronológica. É o tempo que passa. E tudo no teu corpo tem a idade que você tem então as coisas envelhecem naturalmente.

E.2: Eu entendo que velhice... É... Infelizmente com o passar do tempo a gente vai ficando com idade, idoso. É... Velhice, eu acredito, às vezes um pouco difícil de definir, mas aquilo que parece que a pessoa, que chegou a hora que não tem muito mais coisas a fazer, parece que já fez tudo. Aquele que vive mais em função do passado, e não tem muita aspiração, esperança no futuro. É mais ou menos isso.

E3: Velhice é, vamos dizer... Normalmente nós temos um envelhecimento de todos os nossos órgãos, conforme a idade vai passando você vai envelhecendo. Na verdade existem dois tipos de envelhecimento. Tem o envelhecimento orgânico e o envelhecimento psicológico. Envelhecimento orgânico é aquele em que os órgãos ficam mais velhos, ficam com um percentual a menos funcionando; se você comparar com uma pessoa de 30 anos que está no seu pico do funcionamento máximo de todos os seus órgãos, seu fígado, seu pâncreas, seu cérebro, seu pulmão e assim por diante. E o envelhecimento psicológico. É o indivíduo que se acha velho, que já começa a querer se aposentar muito antes da faixa etária de 60 anos, já acha que tá cansado, já trabalhei muito, 25 anos, 30 anos, já preciso mudar esses esquema de vida, tal, tal...Gente que pensa assim, fica velho precoce. É basicamente isso.

E4: Velhice pra mim, no meu conceito é a aproximação do fim. Mas a velhice se souber aproveitar é muito bom.

E5: Sei lá, acho que não tem o que entender por velhice, só as dores que vêm mais nada... A disposição continua a mesma. A velhice é desânimo, é não poder fazer nada.

Pelas respostas à pergunta 1, o entendimento de velhice por parte dos entrevistados é muito semelhante; em parte, este fato pode ser creditado devido à formação dos mesmos, ou seja, a área da saúde. Os três primeiros (E1, E2 e E3) possuem formação superior, por isso discorrem com um vocabulário mais “rebuscado”.

As idiossincrasias em relação ao tema ficam mais evidentes quando analisamos E4 e E5. São indivíduos que, apesar de atuarem na área da saúde, não possuem curso superior. Nesses dois casos o aspecto pessoal é bem mais relevante.

E1 adota a cronologia para identificara velhice, ou seja, *“todas as coisas ficam velhas porque o tempo passa para tudo”*.

Diversamente de E1, E2 anuncia a velhice como término de tudo, de aproximação do fim, de falta de esperança. Em sua fala nota-se certo *“ranço”* em relação ao tema; ranço presente ao longo de todas as respostas dadas por E2.

E3 define o envelhecimento como um fato cronológico e uma condição psicológica, ou seja, praticamente dá uma aula sobre o assunto (já que é também professor).

E4 e E5 aproximam a velhice do fim.

Cabe salientar que ao falar sobre a velhice todos os entrevistados adentraram na questão da finitude, independente do ponto de partida “definido” pelo entrevistado ser o biológico ou o psicológico.

"Só o velho saberia contar o
que é a velhice, se ele soubesse".

Carlos Drummond de Andrade

2- O que ser velho prá você?

E1: Não é ser velho. A pessoa tem que sentir-se velho. Não é ser. É a pessoa, há...você pode ter uma pessoa com 70 anos e se sentir jovem. A mente é que pode determinar isso. A pessoa se sentir velho. Não, você não se sente. Ser velho é você se sentir velho, na mente, mais provável na mente. O indivíduo se sentir velho. A gente sente que com o passar do tempo algumas coisas, a visão é menor, escuta-se menos, cansa-se mais fácil, quem pratica esporte; eu pratico esporte até hoje; eu jogo com pessoas da minha idade, não vou jogar com pessoas de 25 anos que eu vou, vai ser desproporcional. Então é isso. Então, por isso que é cronológico, você tem que se adaptar e a pessoa que se adapta a isso não sente isso aí; prá ela é natural. O envelhecimento é uma coisa natural. O envelhecimento é a passagem do tempo, a passagem dos anos ela é natural, é uma coisa natural.

E2: É mais ou menos a pessoa que se enquadra nesse tipo de definição que eu dei, mais ou menos. No meu ver, né.

E3: Ser velho prá mim, é quando você perde, vamos dizer assim, a autonomia de fazer as coisas. Eu sou uma pessoa que vou desviar sua pesquisa provavelmente porque eu tenho 62 anos e me sinto com 40 para fazer as coisas. Quero dizer, eu dou aula em congresso, eu viajo, eu dou aulas em 2 escolas de medicina, eu atendo até 9 horas da noite, vou pro hospital as 10 horas, depois do expediente, então, prá mim, eu vou sentir o envelhecimento quando eu perder a autonomia de fazer as coisa, quando eu precisar de cuidados pra mim, de outros familiares, sob vários aspectos. Mas enquanto eu tiver essa autonomia, pra mim, eu me sinto muito jovem pra fazer as coisas. É claro que eu não sou aquele cara que tem 62 anos e acha que tem 25 prá sair fazendo coisinhas de 25 anos, percebe? Eu gosto de fazer as coisas

compatíveis com aquilo que eu tenho experiência em fazer; que é atuar como médico, ser professor, que é organizar congressos médicos, que é atender no meu consultório, ter prazer em fazer isso... Nesse sentido. Veja, não é botar um brinquinho na orelha e sair por aí, casar com a garotinha de 20 anos; não, não tenho essa idéia, não. Eu acho que eu não me sinto jovem nesse aspecto.

E4: *Ser velho pra mim no caso é muito bom. Ter uma vida pra mim é ser um velho saudável. Saber viver a velhice também é outra coisa boa. Agora ser velho realmente eu não sei te explicar.*

E5: *Agora você me pegou, ser velho, é aquilo que eu já te falei, é não poder viajar, é uma pessoa que fica parada, sem poder fazer nada, sabe, amargurado num canto, pra mim isso é velhice.*

Na segunda pergunta, E1, além de citar a cronologia como marcador do tempo, utiliza também o critério psicológico. O “*sentir-se velho*” na mente, como ele mesmo diz, é uma coisa natural.

Já E2 enfatiza a descrição por ele feita de velhice na pergunta 1 e diz que velho é quem se enquadra nessa descrição, ou seja, basicamente ser velho é “*quem está perto do fim*”.

Mesmo sem saber o tema exato da pesquisa, E3, já na segunda pergunta, responde que tem 62 anos, mas se sente como se tivesse 40. Ser velho para ele é perder a autonomia, é não poder mais fazer as coisas.

E4 respondeu com ambigüidade. Disse que para ele ser velho é muito bom, fazendo referência à vida que leva. No aquecimento da entrevista ele disse que curte a vida trabalhando e indo à praia com as amigas, surfando...; porém, logo em seguida diz que já não sabe explicar o que é “*ser velho*”, deixando evidente que tem idade para ser velho, que é um velho ao mesmo tempo em que não consegue definir a palavra, pois provavelmente esta não teria o mesmo significado que havia definido para ele.

E5 enfatiza a resposta dada na pergunta 1, ou seja, que ser velho é a pessoa que se aproxima do fim, que “*não pode mais fazer nada*”.

Além de norteadas pela finitude, as respostas dadas pelos entrevistados à pergunta 2, revelam a tão recorrente negação da própria velhice, antes mesmo de ser feita a pergunta 3.

*"O idoso conserva suas faculdades se
mantiver vivos seus interesses"*

Cícero

3 - E você se considera velho?

E1: *Não. Não me considero. Exatamente por causa disso. Eu não me sinto velho. Eu sinto que tenho limitações, diferente de quando eu tinha 20 anos de idade. Eu não me sinto velho. Eu sei que pela classificação da sociedade, pessoas com 60 anos são consideradas terceira idade, velho. Eu não sinto. Faço de tudo, jogo bola, tenho uma vida boa, não aparento ter 65 anos...*

E2: *Sinceramente, não. Quando eu tinha idade de... adolescente, falava: aquele senhor tá com 40 anos, 50 anos...nossa, como tá velho. Á medida que a gente vai chegando, ultrapassando essa idade, a gente nunca acha que tá velho.*

E3: *Não, não... Eu me sinto jovem pra fazer as coisas, disposição, ânimo... E ainda quando falam prá eu me aposentar, eu não quero nem saber dessa conversa, de jeito nenhum! Eu quero ficar com ânimo, quero dar aula para os meus residentes, para os meus alunos. Isso é a minha vida, a minha alegria é fazer essas coisas, eu gosto disso.*

E4: *Não. De forma alguma.*

E5: *Eu não, não me considero velha não. Pelo amor de Deus, por enquanto não.*

As respostas dadas à questão “*E você se considera velho?*” ilustram a oposição entre *cronos* e *kairós*, ou seja, entre a idade cronológica - representada pela entrada na chamada Terceira Idade e a idade como tempo vivido e, portanto, existencial. Quem quer ser velho? Quem se sente velho?

Nas respostas, nenhum entrevistado considera-se velho.

Mesmo afirmando que possui limitações decorrentes da idade, E1, diz não se considerar velho.

Como visto no **Capítulo I**, item 3 (*Modernidade e Temporalidade*), em nossa sociedade, o velho é sinônimo de decrepitude; ele é sempre o “*outro*”.

*“Envelhecer não é uma doença.
Negar a própria velhice é.”
Goethe*

4 - Acha que tem diferença entre ser idoso e ser velho?

E1: *Tem. Se bem que muitas vezes as pessoas confundem, né. Quando se fala em idoso, o próprio nome diz, tem muita idade, mas ele pode não ser velho; não sentir-se velho. A pessoa pode ter idade e não sentir-se velho.*

E2: *Acho que não.*

E3: *Olha, você pode ser... É difícil né, fazer essa diferenciação porque ser idoso e ser velho é mais ou menos a mesma coisa né. De qualquer maneira, eu acho que o indivíduo pode ser idoso e não velho; quer dizer, se ele tem 80 anos ele é um idoso, realmente, compatível com a epidemiologia nossa, um indivíduo de 80 anos que vive no Brasil é um idoso, né. Mas ele*

pode não ser velho no sentido psicológico, entendeu, ele pode se sentir muito menos do que ser um idoso em termos da atuação de vida que ele tem. É exatamente isso. O idoso é um indivíduo que tem 80 anos, agora, o velho é o cara que ficou velho, ficou velho psicologicamente, organicamente; mais ou menos assim.

E4: *Tem. Eu conheço muitos jovens que são velhos, mas não são idosos. Eu sou considerado um idoso mas não me considero um idoso nem velho. Eu me considero um cara de 35 anos. Fisicamente e sentimentalmente ainda por cima.*

E5: *É a mesma coisa né. Idosa quer dizer idade né. Idosa, mais de 60 anos? A pessoa idosa é a pessoa velha. É a mesma coisa. Sei lá. Eu não gosto que me chamem de velha não. Prefiro que me chamem de idosa e não de velha porque velho é aquele que não pode fazer nada, tem que ficar parado. Idoso é a idade só que sai, caracteriza a idade só.*

Na página 36 desta dissertação verificamos que, de acordo com o *Dicionário Aurélio*, as palavras “*Velho*” e “*Idoso*” têm, respectivamente, o mesmo significado. Mas para todos os entrevistados, como pode ser visto, o termo “*velho*” é considerado jocosamente, possuindo o sentido de decrepitude, de finitude.

Até mesmo em poesias, textos e músicas essa idéia é amplamente difundida. Vejamos alguns exemplos:

*Velho é sinônimo de doença, tristeza,
Abandono, tralha, desesperança.
Idoso é sinônimo de bênção da longevidade,
Vitrine de um passado de esperança.*

*Velho é mal disso, mal daquilo, mal daquilo outro,
Pessimismo, estresse e depressão.
Idoso é auto-estima,*

Mobilidade e Motivação

*Velho é falta de ânimo,
É o projeto esquecido.
Idoso é a presença de gana.
É o que não se dá por vencido.*

*Velho é fora de moda,
Relíquia, peça de museu.
Idoso é um referencial,
É o resgate do que se perdeu.*

*Velho é pensamento de morte,
É a certeza da grande despedida.
Idoso é fortalecimento da alma,
Fazendo presente seu tempo em vida.*

*Velho é o homem sem Jesus Cristo,
Que carrega o pecado no coração
Idoso é o que se esforça e tem bom ânimo,
Vivendo pela graça da salvação.*

Paulo de Tarso Reis Ribeiro³⁵

Sobre “idoso”, localizamos o *Hino do Idoso*, de Kleber Santos Oliveira³⁶:

*Quando me ponho a pensar
Nos dias maus que se passaram
Fico então admirar
O que os idosos conquistaram
Eles mostraram seu valor
E querem agora o seu penhor*

*O idoso tem o seu valor
Gritemos todos sem cessar
ele é um professor
Minha homenagem eu quero dar*

³⁵ In: <http://recantodasletras.net/poesiasevangelicas/364270>

³⁶ In: <http://vagalume.uol.com.br/kleber-santos/hino-do-idoso.html>

*O estandarte levantou
no vigor de seu viver
Nunca a um filho negou
Nem dinheiro e nem saber
Só foi Deus quem amou
Esse idoso pra valer*

*O idoso tem o seu valor
Gritemos todos sem cessar
ele é um professor
Minha homenagem eu quero dar*

*A jornada não termina
com idoso a viver
ao ver mexer a retina
ele é gente pra valer
se a voz ele soltar
o respeito tem que ter*

*O idoso tem o seu valor
Gritemos todos sem cessar
ele é um professor
Minha homenagem eu quero dar.*

John Barrymore escreveu:

*“Um homem pode considerar-se velho
no dia em que tiver apenas saudades
em lugar de sonhos”.³⁷*

³⁷ http://www.pensador.info/autor/John_Barrymore/

5 - Se pudesse esquecer nesse momento a idade que você tem, quantos anos você teria hoje?

E1: *Uns 40.*

E2: *Uns 55.*

E3: *O que eu faço, provavelmente...eu me sinto com 50...com 45...50.*

E4: *35, porque foi uma época boa da minha vida. Foi uma época onde eu comecei a entender melhor o que era ser gente.*

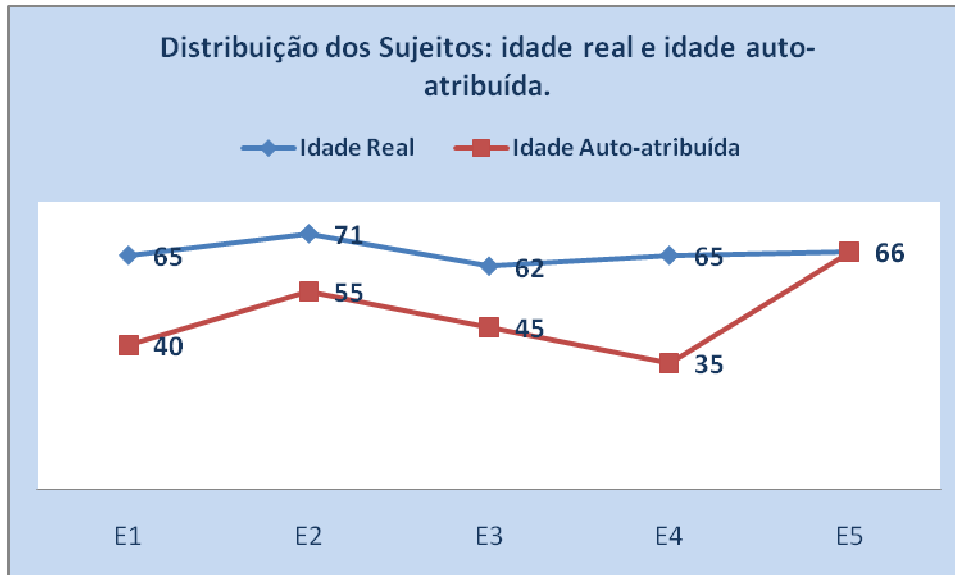
E5: *Ah, não sei, acho que a mesma coisa de sempre. Eu não faço questão de idade. Pra mim a idade vai passando, mas eu continuo sendo do mesmo jeito, não sei. Tô bem com 66 anos.*

As respostas à questão 5 remetem, majoritariamente, à idade que o entrevistado possuía quando sua vida estava em plena fase; fase que coincide, provavelmente, com uma época de realizações profissionais e pessoais; como momento de bom desempenho físico. A única exceção foi na resposta dada por E5, que não fez menção a outra idade que não a que tem.

Em termos numéricos, a auto-percepção da idade representa, para os sujeitos, uma diminuição que varia entre 12/17 anos (E3) e 30 anos (E4). Assim, apesar de a idade real dos sujeitos situar-se entre 32 e 71 anos, a idade auto-atribuída variou de 35 a 55 anos (excluído E5, que manteve a idade que tem, ou seja, 66 anos).

Em que pese o caráter qualitativo da investigação, consideramos importante apresentar graficamente as diferenças entre as idades reais e auto-atribuídas.

Gráfico 1



6 - Conhece pessoas que acham que têm idades menores do que realmente têm?

E1: *Sim, como eu, sei, conheço muito. Eu tenho pacientes que também não aparentam a idade, procuram se cuidar e não se sentem velhos.*

E2: *Meus amigos. É que nós somos em um grupo, praticamente de tênis e a maioria pensa dessa forma. Pensam que tem menos idade do que é realmente. Nós temos um grupo que já estamos juntos há 28 anos. Tem gente que saiu, tem gente que entrou depois, então tem gente que está no grupo há 10 anos, outros que está há 15, outros há 20, os mais antigos, né, têm 28.*

E3: *Nossa, de monte, mas aí que tá a grande diferença. Eu tenho inclusive, até pessoas boas, mas assim, aquele tipo que eu te falei, jovem num outro sentido... Então o cara põe um brinquinho, começa a sair com a menininha de 20 anos, tem uma filha com ela... Eu tenho um caso até interessante; um amigo meu que mora no oitavo andar e a mulher dele mora no*

sétimo; ele tem 60 e a mulher 26. E eles têm uma filha, e a menina desce a escada, sobe a escada, pra ver os dois... Aí eu pergunto, porque vocês não moram juntos? Ele fala, ah não, eu tenho meus cacoetes de 60 anos e ela tem o jeitão dela. Quer dizer, esse aí é um cara que se acha jovem, que gosta de estar no meio, mas é um outro estilo; ele se sente jovem; é uma certa comprovação pra ele, de que ele não envelheceu; mas num outro sentido, não é no sentido produtivo, cultural, entendeu? É de sair com as meninhas com idade menor, percebe? Então, esse tipo de parecer jovem e atuar dessa forma não faz o meu estilo.

E4: *Conheço.*

E5: *Têm pessoas que não gostam de falar a idade, eu, por exemplo, não tenho nada contra.*

7 - Conhece pessoas que acham que têm mais idade do que realmente têm? Por exemplo, pessoas que têm 40 e acham que têm 60?

E1: *Conheço. Infelizmente conheço. São jovens velhos. Parecem fisicamente e mentalmente. E tem pessoas por incrível que possa parecer, depois dos 50 anos, se ela vai fazer 52, ela já fala que quem 52 anos, ou se vai fazer 58, ela fala que já tem quase 60... Então, são pessoas que querem parecer mais velhas.*

E2: *Olha, pode ser que até exista mas felizmente eu não conheço. Justamente eu escolhi minha especialidade (pediatria) porque eu queria viver junto com as crianças, os jovens, preparar homens do futuro.*

E3: *De monte. Eu tenho colegas assim, até da minha turma, o pessoal já quer se aposentar, conta o tempo e falam...já to cansado já do que eu faço, de trabalhar e aí se aposentam, não vêem a hora, outros contam o tempo toda hora pra se aposentarem, ou seja, coisa de velho, de idoso, ou seja, o indivíduo não gosta do que faz, não vê a hora de acabar aquilo, e leva uma vidinha mais "ah...vou pro sítio"...*

E4: *Muitas. E um dos filhos meus. Em parte é bom porque é sinal que tem juízo né, mas eu acho que eles têm que aproveitar mais a idade deles.*

E5: *Ah, conheço. Tem gente que tem um desânimo total.*

Cabe citar aqui o poeta Samuel Ullman:

"A juventude não é um período da vida, é um estado mental. Não significa ter bochechas rosadas, lábios vermelhos e articulações ágeis, mas é uma questão de desejo, da qualidade na imaginação, no vigor das emoções. É o frescor de uma profunda primavera da vida".³⁸

E ainda Tyron Edwards:

"A idade não depende dos anos, mas sim do temperamento e da saúde; umas pessoas já nascem velhas, outras jamais envelhecem."³⁹

8 - Eu queria que falasse um pouquinho do que acha que deve ser bom na velhice e do que acha que não deve ser bom...

E1: *Bom... bom na velhice é ter saúde, né, e, você tendo saúde você deve ter buscado qualidade de vida, então o bom da velhice é você ter saúde e qualidade de vida.*

O que não deve ser bom é ter doenças. Artrose, essas coisas que vem com a idade; essas coisas incomodam muito a pessoa porque atrapalha a qualidade de vida da pessoa. A pessoa, não é que não deve ser bom, as coisas são boas para o teu tempo, prá idade que você tem. Não adianta... Puxa, gostaria muito de correr 30 quilômetros com um rapaz de 30 anos... Não, besteira. Eu gostaria de correr 10 quilômetros com um cara da minha idade, ótimo. Você tem que se adaptar, faz

³⁸In:http://www.frazz.com.br/frase.html/Samuel_Ullman-A_juventude_nao_e_um-53635

³⁹http://frases.netsaber.com.br/busca_up.php?l=&buscapor=Tyron%20Edwards

parte, senão você vive em conflito com você. E tem pessoas assim, né. Querem parecer forçosamente mais jovens do que aparentam ser, do que realmente são. É um engano. É ficar em conflito.

E2: *Bom, naturalmente com a idade o nosso organismo vai pouco a pouco perdendo a força, musculatura, sempre vai enfraquecendo em relação aos jovens; tem gente que tem outros problemas próprios da velhice, né. Tem gente que fica com pressão alta, tem gente que fica com insuficiência renal, as vezes um diabético que vai aparecendo complicações e também outras doenças que fazem parte de pessoas de mais idade. Então a gente vai sempre tentando evitar esses transtornos e viver da melhor forma possível a nossa idade. Que na verdade, com essa idade eu queria estar trabalhando um pouco menos, e assim, dedicar mais ao lazer, junto com a família, principalmente esposa, mas a nossa profissão infelizmente não permite fazer isso; estou trabalhando cada vez mais. Isso é bom em parte, mas eu gostaria de ter um pouquinho mais de tempo prá mim. Quando chega numa certa idade, aposentar não é bom. Quando pára, muita gente acaba ficando doente. A mente vai deteriorando, tem que estar em constante uso.*

E3: *O que é bom na velhice, a melhor coisa da velhice é a experiência. Às vezes eu sonho que eu gostaria de ter 30 anos com a minha cabeça de hoje, eu acho que eu seria o máximo. Eu acho que eu seria o máximo. Eu acho que se eu tivesse 25, 30 anos com o que eu sei hoje, com o que eu aprendi, vivi, eu colocaria...quando você tem 20 anos, você é teimoso, você é reivindicador, você fala coisas que hoje você não falaria, você faz avaliação que não é aquilo que é ponderável. Hoje você é mais ponderável, você sabe como trabalhar as coisas, tudo isso faz parte inclusive essa atuação de aprendizado, faz parte da política da tua família, começa em casa isso; como é que você lida com seus filhos, seu marido, seus parentes, né. Eu sou uma pessoa muito tolerante hoje, as pessoas me entendem hoje melhor.*

E4: *Na velhice não devia ter doença. E ser bom é ser um velho saudável. Não ter doenças, não ter complicações, não ter preocupações, teria que dar pra aproveitar ao máximo a velhice, sair, passear, comer bem, essas coisas.*

E5: *Olha bom na velhice é que você tem tudo de graça, pode ir no teatro, você paga meia, você pode ir no cinema você paga meia, você pode andar de ônibus de graça, você pode andar de metrô de graça, que mais, você chega no banco; é lógico, não vou lá na frente, né, porque eu também acho que é uma questão de respeito, mas você tem o direito de ficar na frente da fila; que mais...só. Isso é bom. O que é ruim na velhice é se tiver alguma doença, eu acho, tem doenças aí que atrapalham tudo...mas por enquanto eu só tenho problema de coluna!*

As respostas acima impõem a necessidade de adentrarmos no tema do “*envelhecimento bem-sucedido*” (ou “*envelhecimento saudável*”). Velhice sem doenças: é isto, certamente, o que todos querem; e não sem razão. Cabe lembrar que o envelhecimento saudável não se reduz à ausência de doenças, mas ao controle de determinadas patologias associadas à idade e, portanto, comuns em idosos.

A este título, pesquisa realizada pelo instituto Datafolha, do jornal *Folha de São Paulo*, edição de 15 de Março de 2009, revela que

Metade dos idosos entrevistados pelo Datafolha avalia sua saúde pessoal como ótima. Ótima, mas não perfeita: 57% dizem ter dor muscular, 56%, hipertensão, 29%, depressão, 28%, colesterol e por aí vai. Para coroar, 82% tomam remédio regularmente. Pode parecer um paradoxo, mas não é. O que define a saúde não é a ausência de doenças mas a capacidade do indivíduo de desempenhar satisfatoriamente suas atividades diárias -o que os especialistas chamam de funcionalidade. (pg. 4)

O próprio título da matéria é bastante sugestivo: “*Uma dor aqui, outra ali, males crônicos, um pouco de dieta, alguma cirurgia - e a maioria se acha ótima*” .

Hoje em dia a mídia direcionada ao idoso também centra seu foco na longevidade com qualidade de vida. Os idosos de hoje sabem disso, especialmente o grupo de entrevistados que pertence à área da saúde. Isso fica extremamente claro nas respostas.

E5, concluindo o que respondeu em perguntas anteriores, não se preocupa com a idade em si; elenca, para tanto, algumas vantagens em possuir a idade que tem.

Considerações Finais

Para mim, a realização deste trabalho foi além de seus significados pessoais, profissionais, acadêmicos e da relação com para minha carreira; na verdade ele representou, acima de tudo, uma experiência que se converteu em um turbilhão de sentimentos e de descobertas. Contribuí prazerosamente para que o meu não situar-me perante a vida e à idade – tão próprio da eterna criança que em mim habita – ficasse comprometido. Foi realmente maravilhoso.

Sabia que seria um trabalho polifônico, ou seja, mediado pelo diálogo com fontes diversas de conhecimento, mas tinha esperança de poder, em algum momento, entrar em métodos quantitativos (o gráfico me salvou!) e tabular respostas.

De fato, a negação da idade cronológica e a dicotomia existente entre ela e a idade auto-atribuída foram itens que poderiam corresponder às expectativas iniciais. Mas o que está inscrito nas “*linhas da subjetividade*” do idoso levou-me a rever não só minha crença de que a realidade “*diz*” por si mesma (compreensão positivista de ciência, muito presente entre os profissionais de saúde), como minha compreensão da velhice (velhices); da forma como deve ser “*capturada*” para ser compreendida. Assim, a velhice só ganha inteligibilidade se for considerada como totalidade não fragmentada; como condição inalienável da vida (exceto para os que morrem antes!). Do mesmo modo, o indivíduo idoso só é plenamente entendido se visto como ser humano temporal e existencialmente situado.

A vida, o ciclo da vida está “*no tempo*”; não o contrário. Nascemos, vivemos e morremos “*no tempo*” e não no decorrer da sua passagem. Quem “*passa*” somos nós. O tempo está, fica e é.

O período relativamente breve entre a primeira e a última entrevista foi de suma importância para que eu ouvisse e entendesse os “*sons*” de uma nova melodia; melodia que tem como movimento, o entrelaçamento entre

“*entrevista/vivência/trabalho/interpretação*”. Disto resultou, certamente, esta dissertação de mestrado.

As muitas teorias lidas e esmiuçadas não haviam, ainda, corroborado para que o tema se consolidasse totalmente.

O trabalho mostrou que, apesar de a velhice nos lembrar constantemente que somos mortais e que essa “*fase*” nos aproxima cada vez mais do fim da vida, há pessoas que vivem a vida sem dar muita importância a isso.

Através dos sujeitos - pessoas ativas e engajadas ainda na profissão - aprendi que apesar da vista já não alcançar mais como antes, de o ouvido não mais ouvir como antes, de a pele enrugar e de os cabelos embranquecerem, há um “estado de espírito” (“*juventude*”?) que não se traduz pela biologia, mas pela vontade de viver e de realizar.

Em sua aula sobre o envelhecimento, Paulo Gaudêncio (citado no corpo do trabalho) diz que “*cabeça vazia é oficina do envelhecimento*”. Diz ainda que “*aposentadoria é mortal*”. Refere-se à aposentadoria no sentido de o indivíduo não possuir atividade alguma. Gaudêncio ensina que envelhecer saudavelmente é não cair nessa cilada; que as pessoas, para manterem-se saudáveis em qualquer idade e não somente na velhice, devem viver as emoções do dia-a-dia, no exercício de seus vários papéis sociais, ou seja, em família, trabalho, grupos, viagens, enfim, compor trocas.

A diferença entre a idade cronológica e a idade auto-atribuída dos entrevistados foi grande. Esse fato aponta para um tempo de vida em que os indivíduos se encontravam em sua melhor *performance*, em seu melhor “*tempo*”, o que mostra que apesar de terem envelhecido cronologicamente, mantém a disposição de quando eram mais jovens. Não necessariamente a disposição física, já que não há como negar que o envelhecimento físico diminui a capacidade funcional de todo o organismo, mas a disposição para a vida num sentido amplo, global. Isso, eu chamo, nos meus entrevistados, de “*juventude*”.

“Sem tempo de envelhecer”

*Deixem meus laços, babados.
Quem disse que não combina?
Por que sou “uma mulher”?
(eu me sinto uma menina!)
Não atino para a idade
Que os anos dão de presente
Preservo minha mocidade
Mesmo não sendo aparente.
Deixei de contar os anos
Optei só por viver
Ocupei-me. Faltou tempo
De pensar em envelhecer.
Fiz um pacto com o tempo
Aceito com solicitude:
“Leve minha ingenuidade,
Deixe minha juventude”.⁴⁰*

⁴⁰ <http://www.luso-pemas.net/modules/news/article.php?storyid=26261>; capturado em 05/01/2009

Referências Bibliográficas

BASTOS, Cláudio Lira. “A questão geral da temporalidade”. In: www.lizchristine.net/delicato_senses/edicao03/temporalidade.htm

BAUER, Martin, GASKELL, George. & ALLUM, Nicholas. “Qualidade, Quantidade e Interesses do Conhecimento”. In: **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**. BAUER, Martin, GASKELL, George. & ALLUM, Nicholas. (Orgs.). Editora Vozes. Petrópolis. 2002.

BERGER, Peter. & LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Editora Vozes; Petrópolis. 1999.

BEAUVOIR, Simone. **A Velhice**. Editora Nova Fronteira; Rio de Janeiro, 1990

BOBBIO, Norberto. **O Tempo da Memória – De Senectude e Outros Escritos Autobiográficos**. Editora Campus; Rio de Janeiro. 1997

CAMARANO, Ana Amélia. 2002. “Envelhecimento da população brasileira; Uma contribuição demográfica”. In: Freitas. Elizabete Viana et al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 58-71

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à História da Filosofia. Dos pré-socráticos a Aristóteles**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

- CARVALHO, S.L.T. (1996/97). "A Saturação do Olhar e a Vertigem dos Sentidos". In: **Revista USP**; nº 32; São Paulo; USP
- GASKELL, George. "Entrevistas Individuais e Grupais". In: **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**. BAUER, M., GASKELL, G. & ALLUM, N. C. (Orgs.). Editora Vozes. Petrópolis. 2002.
- GAUDÊNCIO, Paulo. **O Envelhecimento**. Programa da Série Café Filosófico gravado em DVD. São Paulo, Fundação Padre Anchieta, Ed. Log On/ Culturamarcas. 53 minutos.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Ed. LTC, Rio de Janeiro, 1989
- HAYFLICK, Leonard. **Como e Por que Envelhecemos**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1996.
- LUNA, Sérgio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. 2ª. Edição. São Paulo: EDUC, 1999.
- MARTINS, Joel. "Não somos cronos, somos kairós". In: **Revista Kairós**. Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia. Ano 1; Nº 1. EDUC. São Paulo. 1998
- MESSY, Jack. **A pessoa idosa não existe – uma abordagem psicanalítica da velhice** – São Paulo: ALEPH, 1993
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social. Teoria, Método e Criatividade**. Ed. Vozes, 21ª. Petrópolis, 2002.

_____. **O Desafio do Conhecimento**. Hucitec-
ABRASCO. São Paulo/Rio de Janeiro. 2000

MORIN, Edgar. **O Enigma do Homem**, Zahar, RJ, 1979.

_____. “Epistemologia da Complexidade”. In: **Novos Paradigmas,
Cultura e Subjetividade**. SCHNITMAN, D. F. (ORG). Artes Médicas.
Porto Alegre. 1996

PYHN, Eliana Guimarães, SANTOS, Maria Lucia. **Idade Biológica:
comportamento humano e renovação celular**. 2ªed. – São Paulo:
Ed Senac. São Paulo, 2003

WORSLEY, Peter. **Introdução à Sociologia**. Vol. III. Publicações Dom
Quixote. Lisboa. 1974

Anexos

Anexo I
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pesquisador responsável: Hélia Fraga Gomes Bertamoni

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC

Telefone para contato: (11)5543-5400 (11)8112-2000

Prezado(a) Senhor(a):

Você está sendo convidado (a) a responder às perguntas desta pesquisa de forma totalmente voluntária. Esclareço que a finalidade da pesquisa é acadêmica, estando relacionada ao mestrado que realizo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Prof^a Dra. Vera Lúcia Valsecchi de Almeida. O objetivo central da pesquisa é obter informações sobre a relação entre as representações da idade.

É importante esclarecer que seu nome não aparecerá, em momento algum, nos resultados da pesquisa, ficando garantido seu anonimato.

A pesquisadora deverá responder todas as suas dúvidas antes de você se decidir a participar.

Esclareço, também, que fica garantido seu direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento.

Estou ciente de que a pesquisa está sendo realizada para obtenção do título de Mestre em Gerontologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC – SP.

Pelo presente também manifesto expressamente minha concordância e meu consentimento para realização da entrevista.

São Paulo, ____ de _____ de 2008.

Nome completo

Assinatura

Anexo II
Transcrição das Entrevistas

E1: Médico/65 anos

1 - O que entende por velhice?

Velhice é uma coisa orgânica; então com o passar do tempo as coisas vão envelhecendo, aí temos a definição de velhice. Envelhecendo, algumas coisas vão se estragando pelo uso ou pelo desuso. Isso é velhice. Velhice é cronológica. Ela não é mental. É cronológica. É o tempo que passa. E tudo no teu corpo tem a idade que você tem então as coisas envelhecem naturalmente.

2 - O que ser velho prá você?

Não é ser velho. A pessoa tem que sentir-se velho. Não é ser. É a pessoa, há...você pode ter uma pessoa com 70 anos e se sentir jovem. A mente é que pode determinar isso. A pessoa se sentir velho. Não, você não se sente. Ser velho é você se sentir velho, na mente, mais provável na mente. O indivíduo se sentir velho. A gente sente que com o passar do tempo algumas coisas, a visão é menor, escuta-se menos, cansa-se mais fácil, quem pratica esporte; eu pratico esporte até hoje; eu jogo com pessoas da minha idade, não vou jogar com pessoas de 25 anos que eu vou, vai ser desproporcional. Então é isso. Então, por isso que é cronológico, você tem que se adaptar e a pessoa que se adapta a isso não sente isso aí; prá ela é natural. O envelhecimento é uma coisa natural. O envelhecimento é a passagem do tempo, a passagem dos anos ela é natural, é uma coisa natural.

3 - E você se considera velho?

Não. Não me considero. Exatamente por causa disso. Eu não me sinto velho. Eu sinto que tenho limitações, diferente de quando eu tinha 20 anos de idade. Eu não me sinto velho. Eu sei que pela classificação da sociedade, pessoas com 60 anos é considerado

terceira idade, velho. Eu não sinto. Faço de tudo, jogo bola, tenho uma vida boa, não aparento ter 65 anos...

4 - Acha que tem diferença entre ser idoso e ser velho?

Tem. Se bem que muitas vezes as pessoas confundem, né. Quando se fala em idoso, o próprio nome diz, tem muita idade, mas ele pode não ser velho; não sentir-se velho. A pessoa pode ter idade e não sentir-se velho.

5 - Se pudesse esquecer nesse momento a idade que você tem, quantos anos você teria hoje?

Uns 40.

6 - Conhece pessoas que acham que têm idades menores do que realmente têm?

Sim, como eu, sei, conheço muito. Eu tenho pacientes que também não aparentam a idade, procuram se cuidar e não se sentem velho

7 - Conhece pessoas que acham que têm mais idade do que realmente têm? Por exemplo, pessoas que têm 40 e acham que têm 60?

Conheço. Infelizmente conheço. São jovens velhos. Parecem fisicamente e mentalmente. E tem pessoas por incrível que possa parecer, depois dos 50 anos, se ela vai fazer 52, ela já fala que quem 52 anos, ou se vai fazer 58, ela fala que já tem quase 60... Então, são pessoas que querem parecer mais velhas.

8 - Eu queria que falasse um pouquinho do que acha que deve ser bom na velhice e do que acha que não deve ser bom...

Bom...bom na velhice é ter saúde, né, e, você tendo saúde você deve ter buscado qualidade de vida, então o bom da velhice é você ter saúde e qualidade de vida.

O que não deve ser bom é ter doenças. Artrose, essas coisas que vem com a idade; essas coisas incomodam muito a pessoa porque atrapalha a qualidade de vida da pessoa. A pessoa, não é que não deve ser bom, as coisas são boas para o teu tempo, prá idade que você tem. Não adianta... Puxa, gostaria muito de correr 30 quilômetros com um rapaz de 30 anos... Não, besteira. Eu gostaria de correr 10 quilômetros com um cara da minha idade, ótimo. Você tem que se adaptar, faz parte, senão você vive em conflito com você. E tem pessoas assim, né. Querem parecer forçosamente mais jovens do que aparentam ser, do que realmente são. É um engano. É ficar em conflito.

E2: Médico / 71 anos

1 - O que entende por velhice?

Eu entendo que velhice... É... Infelizmente com o passar do tempo a gente vai ficando com idade, idoso. É... Velhice, eu acredito, às vezes um pouco difícil de definir, mas aquilo que parece que a pessoa, que chegou a hora que não tem muito mais coisas a fazer, parece que já fez tudo. Aquele que vive mais em função do passado, e não tem muita aspiração, esperança no futuro. É mais ou menos isso.

2 - O que ser velho prá você?

É mais ou menos a pessoa que se enquadra nesse tipo de definição que eu dei, mais ou menos. No meu ver, né.

3 - E você se considera velho?

Sinceramente, não. Quando eu tinha idade de... adolescente, falava: aquele senhor tá com 40 anos, 50 anos...nossa, como tá velho. À medida que a gente vai chegando, ultrapassando essa idade, a gente nunca acha que tá velho.

4 - Acha que tem diferença entre ser idoso e ser velho?

Acho que não.

5 - Se pudesse esquecer nesse momento a idade que você tem, quantos anos você teria hoje?

Uns 55.

6 - Conhece pessoas que acham que têm idades menores do que realmente têm?

Meus amigos. É que nós somos em um grupo, praticamente de tênis e a maioria pensa dessa forma. Pensam que tem menos idade

do que é realmente. Nós temos um grupo que já estamos juntos há 28 anos. Tem gente que saiu, tem gente que entrou depois, então tem gente que está no grupo há 10 anos, outros que está há 15, outros há 20, os mais antigos, né, têm 28.

7 - Conhece pessoas que acham que têm mais idade do que realmente têm? Por exemplo, pessoas que têm 40 e acham que têm 60?

Olha, pode ser que até exista mas felizmente eu não conheço. Justamente eu escolhi minha especialidade (pediatria) porque eu queria viver junto com as crianças, os jovens, preparar homens do futuro.

8 - Eu queria que falasse um pouquinho do que acha que deve ser bom na velhice e do que acha que não deve ser bom...

Bom, naturalmente com a idade o nosso organismo vai pouco a pouco perdendo a força, musculatura, sempre vai enfraquecendo em relação aos jovens; tem gente que tem outros problemas próprios da velhice, né. Tem gente que fica com pressão alta, tem gente que fica com insuficiência renal, as vezes um diabético que vai aparecendo complicações e também outras doenças que fazem parte de pessoas de mais idade. Então a gente vai sempre tentando evitar esses transtornos e viver da melhor forma possível a nossa idade. Que na verdade, com essa idade eu queria estar trabalhando um pouco menos, e assim, dedicar mais ao lazer, junto com a família, principalmente esposa, mas a nossa profissão infelizmente não permite fazer isso; estou trabalhando cada vez mais. Isso é bom em parte, mas eu gostaria de ter um pouquinho mais de tempo prá mim. Quando chega numa certa idade, aposentar não é bom. Quando pára, muita gente acaba ficando doente. A mente vai deteriorando, tem que estar em constante uso.

E3: Médico/62 anos

1 - O que entende por velhice?

Velhice é, vamos dizer... Normalmente nós temos um envelhecimento de todos os nossos órgãos, conforme a idade vai passando, você vai envelhecendo. Na verdade existem dois tipos de envelhecimento. Tem o envelhecimento orgânico e o envelhecimento psicológico. Envelhecimento orgânico é aquele em que os órgãos ficam mais velhos, ficam com um percentual a menos funcionante; se você comparar com uma pessoa de 30 anos que está no seu pico do funcionamento máximo de todos os seus órgãos, seu fígado, seu pâncreas, seu cérebro, seu pulmão e assim por diante. E o envelhecimento psicológico. É o indivíduo que se acha velho, que já começa a querer se aposentar muito antes da faixa etária de 60 anos, já acha que tá cansado, já trabalhei muito, 25 anos, 30 anos, já preciso mudar esse esquema de vida, tal, tal...Gente que pensa assim, fica velho precoce. É basicamente isso.

2 -O que ser velho prá você?

Ser velho prá mim, é quando você perde, vamos dizer assim, a autonomia de fazer as coisas. Eu sou uma pessoa que vou desviar sua pesquisa provavelmente porque eu tenho 62 anos e me sinto com 40 para fazer as coisas. Quero dizer, eu dou aula em congresso, eu viajo, eu dou aulas em 2 escolas de medicina, eu atendo até 9 horas da noite, vou pro hospital as 10 horas, depois do expediente, então, prá mim, eu vou sentir o envelhecimento quando eu perder a autonomia de fazer as coisa, quando eu precisar de cuidados pra mim, de outros familiares, sob vários aspectos. Mas enquanto eu tiver essa autonomia, pra mim, eu me sinto muito jovem pra fazer as coisas. É claro que eu não sou aquele cara que tem 62 anos e acha que tem 25 prá sair fazendo coisinhas de 25 anos, percebe? Eu gosto de fazer as coisas compatíveis com aquilo que eu tenho experiência

em fazer; que é atuar como médico, ser professor, que é organizar congressos médicos, que é atender no meu consultório, ter prazer em fazer isso... Nesse sentido. Veja, não é botar um brinquinho na orelha e sair por aí, casar com a garotinha de 20 anos; não, não tenho essa idéia, não. Eu acho que eu não me sinto jovem nesse aspecto.

3 - E você se considera velho?

Não, não... Eu me sinto jovem pra fazer as coisas, disposição, ânimo... E ainda quando falam prá eu me aposentar, eu não quero nem saber dessa conversa, de jeito nenhum! Eu quero ficar com ânimo, quero dar aula para os meus residentes, para os meus alunos. Isso é a minha vida, a minha alegria é fazer essas coisas, eu gosto disso.

4 - Acha que tem diferença entre ser idoso e ser velho?

Olha, você pode ser... É difícil né, fazer essa diferenciação porque ser idoso e ser velho é mais ou menos a mesma coisa né. De qualquer maneira, eu acho que o indivíduo pode ser idoso e não velho; quer dizer, se ele tem 80 anos ele é um idoso, realmente, compatível com a epidemiologia nossa, um indivíduo de 80 anos que vive no Brasil é um idoso, né. Mas ele pode não ser velho no sentido psicológico, entendeu, ele pode se sentir muito menos do que ser um idoso em termos da atuação de vida que ele tem. É exatamente isso. O idoso é um indivíduo que tem 80 anos, agora, o velho é o cara que ficou velho, ficou velho psicologicamente, organicamente; mais ou menos assim.

5 - Se pudesse esquecer nesse momento a idade que você tem, quantos anos você teria hoje?

O que eu faço, provavelmente...eu me sinto com 50...com 45...50.

6 - Conhece pessoas que acham que têm idades menores do que realmente têm?

Nossa, de monte, mas aí que tá a grande diferença. Eu tenho inclusive, até pessoas boas, mas assim, aquele tipo que eu te falei, jovem num outro sentido... Então o cara põe um brinquinho, começa a sair com a menininha de 20 anos, tem uma filha com ela... Eu tenho um caso até interessante; um amigo meu que mora no oitavo andar e a mulher dele mora no sétimo; ele tem 60 e a mulher 26. E eles têm uma filha, e a menina desce a escada, sobe a escada, pra ver os dois... Aí eu pergunto, porque vocês não moram juntos? Ele fala, ah não, eu tenho meus cacoetes de 60 anos e ela tem o jeitão dela. Quer dizer, esse aí é um cara que se acha jovem, que gosta de estar no meio, mas é um outro estilo; ele se sente jovem; é uma certa comprovação pra ele, de que ele não envelheceu; mas num outro sentido, não é no sentido produtivo, cultural, entendeu? É de sair com as menininhas com idade menor, percebe? Então, esse tipo de parecer jovem e atuar dessa forma não faz o meu estilo.

7 - Conhece pessoas que acham que têm mais idade do que realmente têm? Por exemplo, pessoas que têm 40 e acham que têm 60?

De monte. Eu tenho colegas assim, até da minha turma, o pessoal já quer se aposentar, conta o tempo e falam...já to cansado já do que eu faço, de trabalhar e aí se aposentam, não vêem a hora, outros contam o tempo toda hora pra se aposentarem, ou seja, coisa de velho, de idoso, ou seja, o indivíduo não gosta do que faz, não vê a hora de acabar aquilo, e leva uma vidinha mais “ah...vou pro sítio”...

8 - Eu queria que falasse um pouquinho do que acha que deve ser bom na velhice e do que acha que não deve ser bom...

O que é bom na velhice, a melhor coisa da velhice é a experiência. As vezes eu sonho que eu gostaria de ter 30 anos com a

minha cabeça de hoje, eu acho que eu seria o máximo. Eu acho que eu seria o máximo. Eu acho que se eu tivesse 25, 30 anos com o que eu sei hoje, com o que eu aprendi, vivi, eu colocaria...quando você tem 20 anos, você é teimoso, você é reivindicador, você fala coisas que hoje você não falaria, você faz avaliação que não é aquilo que é ponderável. Hoje você é mais ponderável, você sabe como trabalhar as coisas, tudo isso faz parte inclusive essa atuação de aprendizado, faz parte da política da tua família, começa em casa isso; como é que você lida com seus filhos, seu marido, seus parentes, né. Eu sou uma pessoa muito tolerante hoje, as pessoas me entendem hoje melhor.

E4: Auxiliar de enfermagem/ 65 anos

1 - O que entende por velhice?

Velhice pra mim, no meu conceito é a aproximação do fim.
Mas a velhice se souber aproveitar é muito bom.

2 - O que ser velho prá você?

Ser velho pra mim no caso é muito bom. Ter uma vida pra mim é ser um velho saudável. Saber viver a velhice também é outra coisa boa. Agora ser velho realmente eu não sei te explicar.

3 - E você se considera velho?

Não. De forma alguma.

4 - Acha que tem diferença entre ser idoso e ser velho?

Tem. Eu conheço muitos jovens que são velhos, mas não são idosos. Eu sou considerado um idoso mas não me considero um idoso nem velho. Eu me considero um cara de 35 anos. Fisicamente e sentimentalmente ainda por cima.

5 - Se pudesse esquecer nesse momento a idade que você tem, quantos anos você teria hoje?

35, porque foi uma época boa da minha vida. Foi uma época onde eu comecei a entender melhor o que era ser gente.

6 - Conhece pessoas que acham que têm idades menores do que realmente têm?

Conheço.

7 - Conhece pessoas que acham que têm mais idade do que realmente têm? Por exemplo, pessoas que têm 40 e acham que têm 60?

Muitas. E um dos filhos meus. Em parte é bom porque é sinal que tem juízo né, mas eu acho que eles têm que aproveitar mais a idade deles.

8 - Eu queria que falasse um pouquinho do que acha que deve ser bom na velhice e do que acha que não deve ser bom...

Na velhice não devia ter doença. E ser bom é ser um velho saudável. Não ter doenças, não ter complicações, não ter preocupações, teria que dar pra aproveitar ao máximo a velhice, sair, passear, comer bem, essas coisas.

E5: Nome: Técnica em enfermagem/66 anos

1 - O que entende por velhice?

Sei lá, acho que não tem o que entender por velhice, só as dores que vêm, mais nada...disposição continua a mesma. A velhice é desânimo, é não poder fazer nada.

2 - O que ser velho prá você?

Agora você me pegou, ser velho, é aquilo que eu já te falei, é não poder viajar, é uma pessoa que fica parada, sem poder fazer nada, sabe, amargurado num canto, pra mim isso é velhice.

3 - E você se considera velho?

Eu não, não me considero velha não. Pelo amor de deus, por enquanto não.

4 - Acha que tem diferença entre ser idoso e ser velho?

É a mesma coisa né. Idosa quer dizer idade né. Idosa, mais de 60 anos? A pessoa idosa é a pessoa velha. É a mesma coisa. Sei lá. Eu não gosto que me chamem de velha não. Prefiro que me chamem de idosa e não de velha porque velho é aquele que não pode fazer nada, tem que ficar parado. Idoso é a idade só que sai, caracteriza a idade só.

5 - Se pudesse esquecer nesse momento a idade que você tem, quantos anos você teria hoje?

Ah, não sei, acho que a mesma coisa de sempre. Eu não faço questão de idade. Pra mim a idade vai passando mas eu continuo sendo do mesmo jeito, não sei. To bem com 66 anos.

6 - Conhece pessoas que acham que têm idades menores do que realmente têm?

Tem pessoas que não gostam de falar a idade, eu, por exemplo, não tenho nada contra.

7 - Conhece pessoas que acham que têm mais idade do que realmente têm? Por exemplo, pessoas que têm 40 e acham que têm 60?

Ah, conheço. Tem gente que tem um desânimo total.

8 - Eu queria que falasse um pouquinho do que acha que deve ser bom na velhice e do que acha que não deve ser bom...

Olha bom na velhice é que você tem tudo de graça, pode ir no teatro, você paga meia, você pode ir no cinema você paga meia, você pode andar de ônibus de graça, você pode andar de metrô de graça, que mais, você chega no banco; é lógico, não vou lá na frente, né, porque eu também acho que é uma questão de respeito, mas você tem o direito de ficar na frente da fila; que mais...só. Isso é bom. O que é ruim na velhice é se tiver alguma velhice, eu acho, tem doenças aí que atrapalham tudo...mas por enquanto eu só tenho problema de coluna!